



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DANIELA VIEIRA LIMA

**CINEMA EM SALA: ANALISANDO O USO DOS FILMES EM DUAS
ESCOLAS DE AURORA-CEARÁ**

**CAJAZEIRAS-PB
2014**

DANIELA VIEIRA LIMA

**CINEMA EM SALA: ANALISANDO O USO DOS FILMES EM DUAS
ESCOLAS DE AURORA-CEARÁ**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rosemere Olímpio de Santana

**CAJAZEIRAS-PB
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

L732c Lima, Daniela Vieira

Cinema em sala: analisando o uso dos filmes em duas escolas de Aurora - Ceará / Daniela Vieira Lima. Cajazeiras, 2014.

71f.

Bibliografia.

Orientador: Rosemere Olímpio de Santana.

Coorientador: Viviane Gomes de Ceballos.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Cinema - educação. 2. Cinema – recurso didático. 3. Cinema – ensino de história. 4. Prática pedagógica. I. Santana, Rosemere Olímpio de. II. Ceballos, Viviane Gomes de. III. Título.

UFCG/CFP/BS
791.5(813.1)

CDU –

DANIELA VIEIRA LIMA

**CINEMA EM SALA: ANALISANDO O USO DOS FILMES EM DUAS
ESCOLAS DE AURORA-CEARÁ**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Rosemere Olímpio de Santana (orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Ms. Isamarç Gonçalves Lôbo (membro)
Universidade Federal de campina Grande

Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias (membro)
Universidade Federal de campina Grande

Prof.^a Dr.^a. Maria Lucinete Fortunato (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Ms. Francisco Firmino Neto (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

“À vida porque é bela”.

Aos meus avôs:

Ana Correia de Lima
Francisco Ferreira Lima (*In memoriam*)
Francisca Duarte de Sousa
Francisco Vieira de Sousa (*In memoriam*)

Aos meus queridos pais:

Francisco Ferreira Lima Filho
Francisca Vieira Ferreira

Aos meus irmãos:

Djavan Vieira Lima
Dinara Vieira Lima
José Vieira Lima (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela força divina e pelo dom da sabedoria humana. E a todos que de alguma forma doaram um pouquinho do seu tempo para a realização desta pesquisa.

Aos familiares, pai, mãe e irmãos. Estes, são mais do que especiais, sempre me ajudaram a encarar a vida sem temer os obstáculos. Obrigada pelo amor e pelos longos e inesquecíveis momentos de conselhos e incentivos dedicados a mim.

A indispensável contribuição da orientadora Prof.^a Dr.^a. Rosemere Olímpio de Santana, pela confiança, dedicação e apoio durante toda a elaboração desta pesquisa.

Agradeço aos diretores, secretários e coordenadores pedagógicos das escolas Monsenhor Vicente Bezerra e Tabelaio José Pinto Quezado de Aurora-CE, pela excelente receptividade e por disporem de seus docentes e alguns documentos da escola necessários para esta pesquisa.

Aos professores de História das escolas, acima mencionadas, que sem mérito de recusa doaram do seu tempo para responder atenciosamente às entrevistas e me atender sempre que precisei retornar àquela unidade. Sem seus depoimentos esta construção não teria se tornado possível. A vocês, o meu sentimento de gratidão é dobrado, pois pude conhecer um pouco dos medos, anseios e expectativas dos professores de História da querida cidade Aurora-CE.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas do curso de História, por todas as alegrias e os momentos compartilhados. A lembrança de cada um de vocês persistirá em mim por toda a vida.

Em especial a Cícera, Helena e Patrícia, pelo laço de amizade que nasceu entre nós, pelos momentos que passamos juntas. Naturalmente o curso não teria sido o mesmo sem nossos encontros metafóricos na rua Sete, na praça, no ônibus e o mais prazeroso, nas calçadas da universidade.

Dentre todos os amigos quero agradecer aos mais especiais. Eliane, Helena e Renata as simples palavras “muito obrigada” são poucas para definir o carinho que tenho por vocês e agradecer a tamanha generosidade que vocês dedicaram a mim. Obrigada pelo abrigo, por terem aberto as portas de sua casa no momento em que mais precisei, o apoio de vocês foi peça essencial para minha chegada até aqui.

Agradeço a amiga contribuição do meu querido companheiro Inácio Duarte Vieira, pelo amor, compreensão e incentivos, dignos de um excelente professor.

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”.

(Charlie Chaplin)

RESUMO

Buscamos analisar criteriosamente como os professores de duas escolas do Ensino Médio da cidade de Aurora-CE se apropriam dos filmes como recurso didático para a construção do conhecimento histórico em sala de aula. Analisamos os discursos dos professores levando em consideração as condições físicas das escolas, o que envolve a relação entre escola e recursos tecnológicos, formação docente e as escolhas teórico-metodológicas adotadas pelos professores ao fazerem uso dos filmes. As entrevistas analisadas nos fizeram crer que a prática com os filmes, bastante atuante nas duas escolas, está sendo pensada com a finalidade de complementar os conteúdos escolares, o que nos levou a refletir sobre outras sugestões e possibilidades para este recurso. Assim, esta pesquisa discorre de uma análise sobre a importância, riscos, cuidados e as possibilidades que os filmes podem oferecer ao ensino. Lembrando que, no decorrer do trabalho refletimos com base em estudos já realizados sobre o tema algumas questões sobre cinema, indústria cultural, linguagem audiovisual, prática pedagógica e ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: Recurso didático, Filmes, Ensino de História, Prática Pedagógica.

ABSTRACT

We analyze carefully how teachers in two high schools of the city of Aurora-Ce appropriate the films as a teaching resource for the construction of historical knowledge in the classroom. We analyze the discourses of teachers taking into account the physical conditions of schools, which involves the relationship between school and technological resources, teacher training and the theoretical and methodological choices adopted by teachers to make use of films. Analyzed the interviews made us believe that the practice with the movies, very active in both schools, is being designed in order to complement school contents, which led us to think about other possibilities and suggestions for this feature. Thus, this research discusses an analysis of the importance, risks, care and possibilities that movies can offer to education. Recalling that, in this work reflect the basis of previous studies on the topic some questions about film, culture industry, audiovisual language, teaching practice and teaching of history.

KEYWORDS: Educational Resource, Movies, Teaching History, Teaching Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 01	
CINEMA E ENSINO.....	16
1.1. Breves considerações sobre a origem do cinema mundial.....	16
1.2. Tecnologias: recursos audiovisuais na escola.....	19
1.3. Os filmes no ensino de História.....	24
CAPÍTULO 02	
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	33
2.1. A importância dos filmes enquanto recurso didático.....	33
2.2. Analisando algumas sugestões didáticas.....	37
CAPÍTULO 03	
A DIDÁTICA DOS PROFESSORES DE AURORA-CE.....	44
3.1. Aspectos físicos e humanos das escolas trabalhadas.....	44
3.2. Algumas considerações envolvendo a formação pedagógica dos docentes.....	46
3.3. Escola e Ensino de História.	49
3.4. A relação ensino de História e a prática pedagógica.....	51
3.5. A Prática com os filmes.....	55
3.6. A análise didática dos filmes.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

Já está mais do que difundido a ideia de que a prática pedagógica de se trabalhar com os filmes não é uma grande novidade e que atualmente representam um dos recursos que mais despertam interesse e são mais recorrentes entre os professores de História como material pedagógico para o ensino. Apesar desta constatação, inúmeros são os trabalhos que apontam a percepção de que esses recursos ainda não estão sendo usados efetivamente com a mesma intensidade desejada pelas propostas educacionais de ensino. Contudo, já é considerada por muitos escritores atuais como uma possibilidade de tornar a educação mais “democrática e menos conservadora”, como fazer isso consiste em um dos aspectos a serem refletidos no decorrer desta pesquisa.

A novidade reside no fato de que por ser um produto cultural, os filmes estão cada vez mais presentes nas relações e nos hábitos cotidianos de nossos alunos. Assim, é interessante que escola e professores pensem a educação mediante a proposta de recursos audiovisuais nas práticas escolares, a fim de tornar o ensino mais dinâmico e atrativo, uma possibilidade que também pode contribuir para a formação crítica dos alunos frente a esta realidade técnica que os cerca.

Dentre muitas definições atribuídas a importância dos filmes para o ensino de História podemos considerar que se trata de um veículo que estimula o processo de aprendizagem dos alunos, na medida em que pode despertar nestes, a imaginação, a curiosidade e interesse pela abordagem histórica do filme. Sabemos também que os filmes, independente do gênero, não significa uma recriação “real” dos conteúdos históricos, mas quando bem trabalhado em sala, podem trazer representações de temáticas pertinentes as sociedades em diversos contextos históricos e assim podem ser usados pelo professor como um ponto de partida para uma reflexão em sala.

Ainda levando em consideração que o filme representa um produto cultural, ele por si só não se encarrega de fazer o papel que cabe ao professor, como qualquer outro recurso o filme requer uma intervenção pedagógica. Além disso, contamos com inúmeros trabalhos envolvendo esta temática que buscam analisar o fato de que os filmes sofrem influências da pessoa que o produz, o que explica que sua finalidade não é exclusivamente o ensino e por tudo isso o filme pode apresentar informações distorcidas diante de certos fatos históricos.

É neste ponto que entra o papel do professor, o de analisar o filme com um olhar crítico, uma vez que a projeção sem haver uma investigação didática é o mesmo que considerá-lo um objeto imparcial e direto. Desta forma, é preciso levar em consideração que

os filmes são repletos de subjetividade e cabe ao professor fazer uma análise criteriosa buscando entender aquilo que talvez tenha ficado escondido.

Nesse sentido, ao pensar em estudar o uso dos filmes nas aulas de História naturalmente nos veio em mente uma pergunta que não quer calar: como os professores usam este recurso em sala? Qual a relação do espaço escolar com as novas tecnologias, qual a impressão dos professores a respeito das vantagens e desvantagens dos filmes em sua prática? Outros questionamentos ainda são necessários, por exemplo, qual a relação entre professor e aluno e como se dá a análise didática dos filmes?

Esses aspectos, acima, nos despertou o interesse de aprofundarmos uma discussão sobre a temática buscando analisar como os discursos, incluindo alguns trabalhos acadêmicos, artigos e revistas, apontam a importância do uso dos filmes como recurso didático nas aulas de História, bem como algumas sugestões didáticas para o processo metodológico em sala. Complementando com uma pesquisa com dois professores de História da cidade de Aurora-Ceará. Nossa intenção não é julgar a fala dos professores, mas analisar os discursos destes quando o assunto é educação e recurso didático, em especial a prática com filmes em sala. O discurso dos professores entrevistados tornou-se peça essencial para compreendermos o quanto a disciplina de História ainda merece ser repensada.

A investigação se deu nas escolas Monsenhor Vicente Bezerra e Tabelião José Pinto Quezado, ambas localizadas na sede da cidade. Ao todo o município conta com quatro escolas estaduais com funcionamento regular no Ensino Fundamental e Médio. Escolhemos trabalhar com os professores de História que possuem a maior carga horária no Ensino Médio. Por tudo isso, essa discussão se faz importante e necessária, uma vez que, iremos problematizar e conhecer os desafios e os avanços do ensino de História em Aurora- CE.

Partindo do pressuposto de que os filmes constituem-se um produto do Cinema, iniciamos nossa discussão enfatizando alguns pontos importantes envolvendo a História do cinema mundial. Essa discussão inicial foi necessária para conhecermos o que representava o cinema, com seus filmes, quando ainda em fase de descobertas, bem como algumas posições teóricas que dizem respeito à paternidade do cinema. Preferencialmente serão abordadas algumas considerações do trabalho do autor Jean Claude-Bernardet (2004), em especial as que se referem ao cinema como um trabalho pensado desde o princípio com o intuito de causar a “impressão de realidade”.

Conhecendo estas breves considerações sobre o Cinema, seguiremos com uma análise bibliográfica onde já buscamos iniciar uma discussão envolvendo o ensino. Tentamos descrever a história da chegada dos recursos audiovisuais na escola, visto por muitos

estudiosos como um processo lento. Assim, problematizamos qual o papel da escola frente à invasão tecnológica de uma diversidade de novos recursos didáticos audiovisuais. Para tal discussão usamos trabalhos de autores como Antônio Carlos Conceição Marques (2008), Monique Pessanha de Sales e Jussara Santos Pimenta (2008), Selva Guimarães Fonseca (2009) e outros indispensáveis para esta análise.

Em seguida buscamos apresentar, de forma sintética, alguns marcos importantes que influenciaram o uso dos filmes no ensino de História, com pauta na percepção de que os filmes ganham maior reconhecimento como recurso didático, em virtude também das mudanças paradigmáticas assinaladas em meados dos anos 70 e 80 do século XX. Aqui, entre os trabalhos analisados tomamos como base o de Kátia Maria Abud (2003, p. 184). A referida autora considera que “Tais transformações produziram modificações na Didática da História e provocaram uma reformulação na prática pedagógica”. Ainda demos ênfase na discussão de que o cinema a princípio nas escolas brasileiras foi pensado como meio de educar “a massa iletrada”.

No segundo capítulo seguimos com uma análise bibliográfica, onde buscamos esclarecer que os filmes representam, na verdade, um artefato comercial e não necessariamente um recurso didático. Vários são os autores que remetem a essa questão, a exemplo do trabalho de Delton Aparecido Felipe (2009) quando explica que o filme é produzido por uma Indústria Cinematográfica com suas finalidades próprias, que não o uso didático. Trata-se de um mecanismo de comunicação das massas que pode naturalmente sofrer influências da pessoa que o produz. Ali pode estar explícito o ponto de vista de alguém, não uma cópia dos acontecimentos. Aqui, nossa análise foi justamente compreender como os filmes com esta categoria podem ser considerados como recurso didático para o ensino de História.

Ainda no segundo capítulo tratamos das possibilidades de como usar os filmes em sala. Dentre as produções que discutem o tema enfocamos algumas sugestões didáticas apresentadas pelos autores Marcos Napolitano (2011), Circe Bittencourt (2004) e outros. Com ênfase nos desafios que os professores tendem a enfrentar com a proposta dos filmes, assim como os cuidados metodológicos. Destacamos um ponto importante no que se refere à análise dos filmes. Seja ele histórico ou documentário são repletos de subjetividade. Neste aspecto, retomamos a importância de que o filme deve ser analisado com um olhar crítico, evitando assim a concepção de verdade histórica.

Para o terceiro capítulo realizamos a análise dos discursos dos professores de História que foram selecionados. A coleta dos dados se deu através de entrevistas¹ do tipo semiestruturada, onde fizemos questões abertas, claro, sempre voltadas à prática dos professores com os filmes, deixando o espaço livre para que os mesmos pudessem expor seus depoimentos de forma subjetiva. Com as entrevistas em mãos partimos para a análise de cunho descritivo e analítico dos discursos destes professores, com a preocupação de analisarmos qual sua percepção educativa quando o assunto é a sua prática em sala. Importante ressaltarmos que a transcrição da fala dos professores foi mantida sem mudanças ortográficas ou gramaticais.

Antes de analisarmos os discursos dos professores fizemos uma breve apresentação das duas instituições escolares onde trabalham, com o intuito de conhecer características físicas que envolvem as escolas. Pois, como sabemos a estrutura física escolar consiste em umas das partidas iniciais para o desenvolvimento de práticas educacionais mediante o uso de recursos audiovisuais em sala, o que inclui os filmes.

Sabemos também que para toda prática pedagógica espera-se que o professor tenha uma formação adequada. “O conhecimento do professor profissional deve formar-se sobre a experiência, através da qual ele pode experimentar a ação e a reflexão em situações reais, como num laboratório prático.” (SCHON *apud* MARQUES, 2008, p. 07). Esta percepção do referido autor nos põe a pensar e querer conhecer se os professores entrevistados se apoiam em fundamentos iguais ou parecidos a esse para a efetivação de seu ofício. Com os discursos veremos que os professores definem sua formação acadêmica sempre levando em consideração os aspectos que ficaram a desejar em seu período de formação e aqueles que de alguma forma foram importantes.

Discutiremos também, conforme a análise dos dados, outras questões importantes como o papel das escolas no incentivo ao uso das novas linguagens em sala, a relação escola e ensino de História na percepção dos professores, bem como a prática pedagógica dos professores, o que inclui suas escolhas didáticas com os filmes em sala e análise didática dos mesmos. Importante esclarecer que não efetuamos observação de alguma aula prática dos professores mediante o uso deste recurso. Assim, analisamos alguns de seus passos metodológicos conforme a descrição dos docentes.

Esta análise envolvendo os professores foi de suma importância para conhecermos as possíveis relações entre filmes, espaço escolar e o ensino de História em Aurora-Ceará. Claro

¹ Ver em anexo o questionário da entrevista.

que nossa pauta não foi apenas mostrar a presença do cinema, com seus filmes nas escolas em que efetuamos a pesquisa. Em linhas gerais, com esta pesquisa nós objetivamos acrescentar aos diversos discursos já existentes envolvendo a temática, a importância que há por traz da possibilidade de inserção de filmes, quando bem usado, nas práticas educacionais.

CAPÍTULO I: CINEMA E ENSINO.

1.1. Breves Considerações sobre a Origem do Cinema Mundial

Falar do cinema é falar de arte, entretenimento, cultura e lazer. Uma definição mais impactante é a concepção de que o cinema corresponde a um dos produtos resultantes da Revolução Industrial que, em parcela com o surgimento das máquinas revolucionárias do século XIX surge também, neste contexto, a descoberta e procura pela linguagem visual. Tudo isso fez do cinema um hábito presente no cotidiano de muitos espectadores da sociedade moderna, inclusive, no espaço educacional.

Para alcançar este devido valor o cinema percorreu fases marcadas por sérias transformações. Aliás, muitos estudiosos apontam a discussão de que “o cinema não nasceu pronto”, foi um processo que se desenvolveu lentamente e que foi adquirindo formas ao longo de novas descobertas técnicas e científicas. Em uma gama de trabalhos que se remete ao cinema encontraremos o discurso de que este quando surgiu não tinha a mesma capacidade técnica que tem hoje, não possuía uma linguagem própria de cinema, sem movimento, sons e cores, era mais uma curiosidade científica. Segundo o autor João Paulo Rodrigues Matta (2004, p. 99) “[...] inicialmente, o que motivou o seu advento foram inspirações e aspirações científicas”.

Na perspectiva da autora Flávia Cesarino Costa (*apud* MASCARELLO, 2006, p.17) o cinema no princípio representava uma mistura comum a todas as outras descobertas culturais imagéticas da época, por exemplo, “os espetáculos de lanterna mágica, o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões-postais”.

Ainda na visão da referida autora, estas novas curiosidades da revolução imagética, inclusive o cinema, eram exibidas como forma de levar ao público o conhecimento das novas descobertas e novidades dos cientistas, novidades estas que geralmente eram apresentadas em palestras e exposições ou associadas a outros tipos de ilustrações como: “circos e parques de diversões”, dentre outros.

Falar das origens do cinema é um assunto um tanto delicado, uma vez que são muitas as controvérsias a respeito do criador do cinema, o mais correto seria concordarmos com o discurso de Costa (*apud* MASCARELLO, 2006, p. 18) quando afirma que “não existiu um único descobridor do cinema”. Assim, podemos considerar que o cinema foi sendo incorporado à cultura de muitos países de forma aleatória e em proporções diferentes.

E entre as divergências podemos elencar que muitos estudos apontam a percepção de que seu momento de maior esplendor ocorreu em meados do século XIX e durante o século XX, período marcado pela consolidação do homem moderno. O que também não implica dizer que antes disso não tenha existido interesse pela “arte cinematográfica”.

Segundo o autor Jean Claude-Bernardet (2004) já no século XVII vários cientistas se interessavam em construir e aperfeiçoar ainda mais aparelhos que pudessem gerar a projeção de imagens.

Já o autor Laurent Mannoni (*apud* MATTA, 2004, p. 100) aponta que hoje muitos intelectuais defendem que o cinema “originou-se de inventos ópticos criados a partir do século XIII. Assim, antes que os irmãos Lumière chegassem ao Cinematógrafo, e Edison ao Quinetoscópio, houve muitas contribuições científicas. (RODRIGO, 2003, p. 8)”.

Para Walter Silveira (*apud* MATTA, 2004, p.100) “pouco importa que outros inventores, em outros países, tivessem desenvolvido na mesma época a ideia de aparelhos semelhantes [...] com os Lumière ficou a glória do nascimento”. Esta percepção reassume um discurso que parece se repetir entre alguns estudos quando se trata das origens do cinema, ou seja, o sucesso alcançado pelos Lumière.

Então o que mais convencionou a maioria dos pesquisadores e intelectuais, ou melhor, quem mais adquiriu sucesso na história do cinema mundial, foi o fato de que o cinema deve todo o seu atual fascínio à curiosidade científica dos dois irmãos franceses Louis e Auguste Lumière, que em 28 de dezembro de 1895 deram os passos iniciais para o surgimento da película cinematográfica. No trabalho de Bernardet (2004) percebemos esta definição claramente, a de que os Lumière ficaram conhecidos mundialmente como os pais da linguagem cinematográfica. Isto, a partir do momento em que projetam pela primeira vez em um café de Paris dois filmes de curta duração.

Já Costa (*apud* MASCARELLO, 2006, p. 19) defende uma posição contrária ao que afirma Bernardet (2004), segundo a autora antes da exibição dos Lumière houve, na verdade uma exibição dos irmãos Max e Emil Skladanowsky. Um filme, também de curta duração foi exibido pelos irmãos em um teatro de Berlim. Sem dúvida, essas e outras controvérsias aqui discutidas estarão também sendo apresentadas em outros diálogos que envolvam a paternidade do cinema.

Com tantos prós e contras, interessante conhecermos algumas breves considerações sobre o que teria contribuído para que o sucesso dos Lumière fosse tão divulgado e reconhecido. Segundo o autor Marcos Napolitano (2011, p. 69) os primeiros filmes foram “[...] *La Sortie des ouvriers de l’usine Lumière* (A saída dos operários da fábrica de Lumière)

e L'Arrivée d'un train en gare (Chegada de um trem na estação), dois registros da vida cotidiana.” Conforme o referido autor, essa primeira exibição, apesar da carência técnica, uma vez que foi apresentada com aspectos rústicos e artificiais, contendo apenas imagens em preto e branco e sem som, foi na época, um grande encanto para o público das ruas de Paris, que no momento as acompanhavam. Inclusive, muitas pessoas impressionadas com o que viam consagraram àquelas imagens como sendo um milagre, algo nunca visto antes. O que revela que o impressionismo obtido com o cinema corresponde a uma consequência percebida já nas primeiras exibições.

Ainda de acordo com Costa (*apud* MASCARELLO, 2006, p. 19) e quase por uma questão de lógica, o sucesso conquistado pelos irmãos Lumière foi acentuado em virtude de suas próprias condições técnicas, com o cinema eles conquistaram condições financeiras para investir em novos equipamentos cinematográficos. E “[...] souberam tornar seu invento conhecido no mundo todo e fazer do cinema uma atividade lucrativa, vendendo câmeras e filmes”.

Em sua obra *O que é cinema?* Bernardet (2004, p. 03) sendo um autor roteirista, crítico e especialista em análise de cinema, afirma que o que teria emocionado o público já no primeiro dia de exibição dos filmes dos Lumière teria sido a “arte do real”. O Prazer de ver em uma tela “[...] um trem chegando à estação [...]”, dando ilusão de ser verdadeiro, de ser real.

Apesar de ter causado essa percepção sensacionalista, o autor acrescenta em seu discurso a visão de que nem mesmo os irmãos Lumière esperavam que aquelas imagens pudessem alcançar tanta sedução nas pessoas. Pelo contrário, defendiam a tese de que o cinema serviria somente para suas pesquisas científicas. Assim, para estes primeiros cineastas, se é que devemos considerá-los como tais, o cinema a princípio não era pensado como arte ou mercadoria, sim o resultado de uma grande curiosidade científica.

Só poderia ser uma ilusão. É aí que residia a novidade: na ilusão... Essa ilusão de verdade, que se chama “impressão de realidade”, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema. O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdade. (BERNARDET, 2004, p.03).

Então, vejamos que a possibilidade de produzir a “impressão da realidade” foi justamente o que o cinema precisava para se desenvolver. Conforme Bernardet (2004) a partir deste momento, diversos artistas e cientistas europeus sentiram-se influenciados a aprimorar

suas próprias experiências com o cinema, para assim poderem inserir o movimento nas imagens. Os cientistas da época sentiam a necessidade do movimento, pois o movimento aumentaria o poder de sedução diante dos espectadores.

Bernardet (2004) analisa com um olhar crítico esta possibilidade de que o cinema representa uma expressão da realidade. Para o autor, esta interpretação foi algo que se acentuou durante muito tempo com influência da classe dominante da época que inclusive procurava desde o princípio manipular ao seu favor, ou melhor, impor à sociedade a propagação de que no seu tempo criara-se e se desenvolvera uma arte, sobretudo, uma máquina que era capaz de produzir a realidade. E durante muito tempo perdurou-se a ideia que tudo o que se vê no cinema é uma visão nitidamente natural dos acontecimentos.

“A história do cinema é em grande parte a luta constante para manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão de realidade”. (Bernardet, 2004, p. 08). Nesse sentido o autor quer dizer que reconhecer o cinema como expressão da realidade é o mesmo que ocultar a certeza de que por trás das telas sempre haverá técnicas artificiais, sobretudo, uma pessoa que por meio do cinema tenha tentado fazer alguma exibição do seu ponto de vista. É a maneira como ele compreende determinados assuntos.

Ainda é interessante acrescentarmos, com base no discurso de Bernardet (2004) que esta impressão da realidade advinda do cinema veio como um avanço técnico, ou melhor, como um acréscimo ao que já existia nas fotografias e pinturas presentes nos museus da época. Obras, que como o cinema, eram produzidas com precisão, a fim de oferecer ao público visitante a ilusão de ver nas telas a reprodução do real.

Por outro lado, para muitos estudiosos, o que verdadeiramente interessa no cinema não é saber se o mesmo representa ou não a realidade, sendo natural ou artificial, o mais interessante está no conteúdo dos filmes, o que abordam e o que querem transmitir.

Com o passar dos anos e entre permanências e mudanças o cinema foi adquirindo afirmação mundial. Segundo Silveira (*apud* MATTA, 2004, p. 105) já em 1911 o cinema foi nomeado como a “Sétima Arte”, a única verdadeiramente desenvolvida pelo homem moderno. Isso em virtude de que “[...] o cinema teria a peculiaridade de congregar todas as outras (arquitetura, música, pintura, poesia e prosa, escultura e teatro), por ser ‘a arte plástica em movimento’”.

1.2. Tecnologia: Recursos Audiovisuais na Escola.

Novas Tecnologias são hoje um termo muito comum na sociedade moderna, também chamada por muitos autores de “Era Tecnológica”, trouxe o aperfeiçoamento e o

desenvolvimento de ferramentas indispensáveis para quase todas as ações humanas, seja no trabalho, em casa, na escola, ou no campo, as pessoas estão optando por novos equipamentos que lhes ofereçam melhores possibilidades. Podemos afirmar que foi assim, em meio a estas condições que o cinema foi chegando aos espaços escolares.

Já não é novidade sabermos que esse novo cenário inclui o espaço escolar. E com base no trabalho de Antônio Carlos Conceição Marques (2008, p. 01) cabe a escola o compromisso de buscar novas possibilidades educacionais para aproveitar o que de bom o mundo tecnológico pode oferecer aos alunos e professores. Interessante que o autor ainda comenta que geralmente essa busca acontece mais especificamente quando a escola reconhece que os antigos métodos de ensino já não atendem com muita segurança aos seus principais objetivos. Então fica a sugestão de engajar nas escolas o incentivo e a prática de recursos audiovisuais como possibilidade didática.

É importante ressaltarmos que em toda história da educação as escolas, professores e alunos fazem uso dos recursos didáticos, seja dos mais tradicionais aos recentes e sofisticados audiovisuais, também chamados de recursos midiáticos. De acordo com as autoras Monique Pessanha de Sales e Jussara Santos Pimenta (2008, p. 02) no princípio os professores dispunham unicamente dos métodos mais tradicionais de ensino, onde as aulas se procediam com base “[...] no giz, quadro negro e o livro didático”. Sem haver muita preocupação em conectar o espaço escolar à vivência dos alunos, sendo que, estes eram considerados como “espectador passivo, sem participação na construção do conhecimento”. (FREIRE e CARIBÉ, 2004, p. 02).

Recursos didáticos, como estes citados anteriormente, não perderam totalmente sua importância para o ensino, uma vez que sua presença ainda persiste no dia a dia de muitas escolas. Por outro lado, com as inovações tecnológicas, novos recursos foram sendo incorporados, aumentando assim as possibilidades de ensino. Em outras palavras, músicas, jornais, jogos, internet, bem como os filmes no ensino de História, objeto específico desta pesquisa, são exemplos dos inúmeros recursos que podem ser usados com finalidade didática, inclusive para todas as disciplinas escolares.

Para Marques (2008, p. 02), é neste cenário de mudanças que se encontra o maior desafio que a escola tende a enfrentar diante da inserção de novas linguagens no ensino, quando afirma que:

O grande desafio que se apresenta para os educadores é como se adequar a essas mudanças. Orozco (2002) fala que só o tecnicismo não garante uma

melhor educação. Neste sentido, e usando as palavras de Sancho e Hernández (2006) é preciso refletir sobre o que significa ensinar no século XXI, o papel dos professores e das diferentes linguagens textual, virtual e individual no ensino e aprendizagem.

Nesse sentido a autora nos chama a atenção de que para usar as novas linguagens na escola é preciso que haja também uma mudança de postura dos membros da escola, o que inclui professores e gestores, pois a proposta não é o uso como mera novidade, assim sendo, a sua eficiência desaparece. É preciso encarar com um olhar crítico e construtivo, fazer do recurso um caminho para o conhecimento em sala e não simplesmente um meio inquestionável. Essas e outras possibilidades também serão discutidas posteriormente.

Ainda segundo Marques (2008) outro desafio pertinente será a preparação e formação pedagógica para os professores, sem formação adequada estes poderão tentar “fazer o velho com o novo”, ou melhor, acrescentar novos recursos a sua prática, usando os mesmos métodos de uma pedagogia tradicional. São desafios que, naturalmente, causam certas estranhezas tanto à escola, quanto aos professores e alunos. Estranheza, no sentido de que será necessário todo um compromisso de adaptação, o que envolve o espaço físico, preparação docente, dentre outros fatores. Isso contribui para que a inserção da linguagem audiovisual nas escolas se configure como um processo lento, ou melhor, não estão sendo usados com a mesma frequência desejada pelas novas propostas educacionais para o ensino.

Isso quer dizer que as novas linguagens no ensino “[...] não é uma realidade tão abrangente como aparenta. O uso das novas mídias ainda é um fenômeno em desenvolvimento”. (FREIRE e CARIBÉ, 2004, p. 03). Semelhante ao pensamento de Marques (2008), as autoras Freire e Caribé (2004) ainda explicam que este receio, ainda presente nas escolas ocorre em virtude de que tanto os gestores quanto os professores permanecem muito apegados aos métodos tradicionais de ensino, onde o valor da escrita e da oralidade estão em primeiro lugar. Outra razão a este receio é a não confiança de que recursos como filmes ou vídeos, por exemplo, possam ser eficientes no processo ensino-aprendizagem.

Quando se parte para mudanças o impacto é inevitável, principalmente diante de escolas que possuem uma cultura escolar forte e estabelecida. O autor Nelson de Luca Pretto (*apud* FREIRE e CARIBÉ, 2008, p. 03) fala a respeito de tal desafio:

[...] obrigar o audiovisual _ cinema, vídeo, televisão e, agora, as multimídias _ a entrar **à força** nas categorias preexistentes da educação é o mesmo que não utilizá-lo. O conteúdo termina por tornár-se inútil, visto que a informação é somente fixada sem provocar o questionamento ou motivar a pesquisa.

Na perspectiva de Selva Guimarães Fonseca (2009, p. 172) os audiovisuais na escola não é um processo recente e que apesar dos avanços e aperfeiçoamentos técnicos, assinalados no final do século XX e início do século XXI, ainda existem muitas limitações para que esses recursos cheguem às escolas, sobretudo em parte da realidade das escolas públicas brasileiras. Desta forma é preciso ampliar as discussões teóricas envolvendo esta temática e o incentivo por parte dos gestores para que a recorrência aos audiovisuais torne-se uma constante maior nas unidades de ensino. Por outro lado, não será simples para qualquer pesquisador o compromisso de buscar fundamentos ou “provas” para entender as causas e as limitações que contribuem para que o uso de audiovisuais não se configure, hoje, como uma realidade presente em todas as escolas em escala mundial.

No trabalho dos autores Oscar Manuel de Castro Ferreira e Plínio Dias da Silva Junior (1986, p. 03-04) há a discussão de que quando estes recursos chegaram às escolas, os mesmos não provocaram um impacto construtivo na educação, uma vez que logo no princípio os audiovisuais eram usados com finalidades de dar certo colorido às práticas tradicionais de ensino e foi o que aconteceu, sem que também houvesse uma mudança na postura dos membros da escola, e na relação entre professor e aluno. Neste caso, mudaram-se as técnicas, porém, os métodos de aplicação permaneceram por mais tempo.

Considerando o aperfeiçoamento tecnológico apontado por Fonseca (2009) e com base em outras discussões que abordam o assunto já podemos perceber que atualmente é muito comum a recorrência a outros recursos audiovisuais ainda mais recentes e sofisticados, que por sinal fazem parte da cultura midiática da classe estudantil, como “[...] computadores, notebooks, netbooks, tablets e celulares.” (SALES e PIMENTA, 2008, p. 02). Com base neste mesmo pensamento a autora Maria do Socorro Vieira de Lacerda (2012) acrescenta em seu discurso qual a importância de estar usando em sala de aula recursos que se aproximam dos costumes dos alunos.

[...] Isso é decorrente do fato de que “o aluno de hoje é produto de um mundo dominado pela comunicação” (WITTCH; SCHULLER, 1962, P.14), ou melhor, “são resultado desse mundo pleno de tecnologias, dessa nova cultura [...]” (BACCEGA, 1996, p.8). Assim, se o recurso “[...] está presente na vida dos jovens, ele não pode ser desconsiderado e simplesmente abolido do sistema educativo [...]” (KLAMMER et al, 2006). (LARCERDA, Maria V. de Socorro, 2012, p. 26).

Frente a esta nova realidade o aluno deve ser entendido como um novo ser. É essa a proposta que defendem os documentos educacionais, ou seja, perceber o aluno como

“aluno/cidadão”. Vejamos também o que comenta as autoras Freire e Caribé (2004, p. 03) com relação a esta nova realidade estudantil, um discurso que visa uma proposta inovadora como muitos autores aqui já mencionados: “O aluno não se vê mais como mero coadjuvante no binômio transmissão-recepção de conhecimento. Agora ele pode estabelecer junto com o professor, uma relação entre que vê e o que ouve.”.

Trata-se de uma nova realidade sócio educacional, marcada pelo avanço de novas ferramentas de ensino, sendo que escola e recursos audiovisuais tornam-se parceiros no processo de ensino-aprendizagem. E nesta parceria o papel da escola é justamente estreitar a relação entre ensino e a “Era Tecnológica”, tendo também como finalidade fazer trocas de experiências, uma vez que as tecnologias são vivências atuais na vida dos alunos. Além disso, o próprio termo tecnologia pode tornar-se tema de discussão didática, não voltada para conteúdos específicos, mas, por exemplo, entender o impacto que pode ser causado pra si e para o resto da humanidade.

Como também aponta o autor Paulo Alexandre Baptista Morais (2006, p. 25) quando afirma que frente ao processo de mudanças tecnológicas é papel da escola manter-se atenta ao que “acontece em seu redor”, a fim de trazer para a sala de aula aquilo que está sendo pertinente lá fora, na sociedade. É discutir com o aluno aspectos importantes que também fazem parte do seu cotidiano. O que implica dizer que “a escola não pode ignorar o que se passa no mundo”.

Desta forma, podemos afirmar que o próprio meio onde o aluno está inserido exige que haja a incorporação de diferentes linguagens audiovisuais como recurso didático. Além disso, outros fatores contribuem para esta inserção, a exemplo das novas propostas de ensino, que também possuem a finalidade de fazer com que escolas, juntamente com professores invistam em novas metodologias de ensino. Em outro trabalho de Fonseca (2003, p. 164) a autora afirma que “as metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula”.

É importante destacarmos que os audiovisuais ao mesmo tempo em que ajudam a ampliar as possibilidades de ensino, uma vez que os alunos tendem a assimilar e compreender melhor os conteúdos, principalmente quando partem para análise de um recurso mais concreto, incentiva também a fazer com que o verbalismo das aulas tradicionais possa sair um pouco de cena. E segundo o autor Nélio Parra (1973, p. 09) o verbalismo continua sendo um grande vilão encontrado na realidade das escolas, o que não deveria persistir, uma vez que o conhecimento pode ser adquirido através de outras fontes e não apenas por palavras:

Associe-se sempre o ouvido à vista, a língua à mão; ou seja, não apenas se narre aquilo que se quer fazer aprender, para que chegue aos ouvidos, mas representem-se também graficamente, para que se imprima na imaginação por intermédio dos olhos. Porque os materiais audiovisuais fornecem uma base concreta para o pensamento conceitual, eles provocam conceitos significativos.

De tal forma como explica o autor Eurico Costa Ferreira (2010, p. 23), em sua pesquisa de mestrado *O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático*. Segundo o autor, os audiovisuais no ensino, seja de que ordem for, correspondem a uma enorme porta para o aprendizado em sala, uma vez que são recursos que mexem com os sentidos e sensações humanas, é uma fonte concreta envolvente e sedutora. A imagem em si, quando projetada em sala, seja por meio de filmes ou vídeos é muito mais impactante, amplia as possibilidades de despertar a curiosidade do espectador, ajudando-o a formular melhor seu entendimento.

Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo – distante - alto - baixo, direita - esquerda, grande - pequeno, equilíbrio- desequilíbrio).[...].Os meios audiovisuais são sensoriais , visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem sobrepostas, interligadas, somadas, não separadas. [...]. (FERREIRA, 2010, p.23 e 24).

Conforme a autora Zanella et al (*apud* PAVANATI, 2003, p. 108) são dobradas as possibilidades pedagógicas quando se partem para a análise de recursos não verbais, uma vez que põe o aluno frente a um objeto que, para entendê-lo é preciso desvendá-lo. Também, entendido como uma nova forma de “aprender e conhecer”, que ao mesmo tempo auxilia o aluno a se reconhecer como “sujeito de saberes”, ou melhor, atuante da sociedade onde vive. Sem dúvida, corresponde a novas técnicas de abordagem que não agem isoladas, o seu potencial educativo aparecem quando o professor decide bem suas escolhas, ou seja, depende de como será usada em sala.

1.3. Os Filmes no Ensino de História.

Para não ser exaustivo falarmos da contribuição de cada audiovisual para o ensino, é chegado o momento de analisarmos o que dizem os discursos com relação à integração dos filmes enquanto recurso didático, a proporção em que foram sendo aceitos nas propostas pedagógicas e em que perspectiva eram usados no ensino de História.

É interessante sabermos que a não valorização dos filmes enquanto recurso didático persistiu por muito tempo. Para a historiadora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004, p. 373) esse atraso pode ser justificado pelo apego de muitos historiadores aos documentos “nobres”, em parcela com o desprezo por documentos não escritos, a exemplo dos filmes. Conseqüentemente, a proposta cinematográfica para o ensino não encontrava espaço nas discussões teóricas dos “cursos de graduação e de formação docente”. O que teria influenciado a não utilização dos filmes nas aulas de história.

No trabalho *A Construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino*, a autora Kátia Maria Abud (2003) enfatiza algumas das principais influências que resultaram na mudança e na preferência, por parte das escolas e dos professores, por filmes como recurso didático para o ensino. E no discurso da autora podemos perceber que este cenário incerto dos filmes no ensino e nas produções históricas ganha uma nova roupagem com os movimentos historiográficos do século XX. Sendo assim, “A produção fílmica passou a ser considerada de importância para a construção do conhecimento histórico e do saber escolar a partir da década de 70.” (ABUD, 2003, p.184).

Pontualmente, a referida autora assegura que essas novas práticas pedagógicas envolvendo os filmes, estão relacionadas às transformações oriundas das influências da escola dos Annales, período este, marcado por mudanças nas propostas de produção do conhecimento histórico, onde novos documentos ganham importância analítica. Para os autores Eduardo Borges (s/d), Bittencourt (2004) e outros, o historiador Marc Ferro (1992) é considerado um dos pioneiros a dar importância aos filmes como fonte de estudo para a história. Seguido também pelo autor Pierre Sorlin (1994), ambos acreditavam na possibilidade de investigação que a relação cinema e história poderiam oferecer para a construção do conhecimento histórico.

São vários os autores que fundamentam seus trabalhos explicando que em meio a essas acentuadas mudanças paradigmáticas, o ensino torna-se também sujeito, ou melhor, ganha novas interpretações envolvendo questões metodológicas, prática de ensino, relação professor-aluno, recursos didáticos, dentre outros. Para este último houve um significativo reconhecimento de recursos que podem ser úteis para o ensino e para a formação do conhecimento escolar. E assim, aos poucos os filmes foram sendo acrescentados aos recursos didáticos.

Em seu trabalho *Cinema em Foco: uma abordagem cinematográfico-historiográfico no ensino de história*, a autora Edineide Dias de Aquino (s/d, p. 01) nos mostra essa nova possibilidade com os filmes:

Uma produção fílmica pode ser um documento histórico, e este, um instrumento metodológico para o ensino de história. Com a “revolução documental”, este tipo de documento passou a ser considerado como tal, a partir da chamada História Nova, cujo grande representante é Jaques Le Goff, que propõe uma grande diversidade de manifestações humanas como registros válidos que contribuíram para compreensão de um determinado contexto histórico. Sendo ou não especialista na arte do cinema, podemos e devemos ousar como historiadores e professores e assim nos instrumentalizar para utilizarmos o filme como documento histórico e instrumento metodológico.

Posicionamentos deste tipo tende a nos explicar que tanto os conhecimentos históricos, quanto a educação escolar, por serem produto do seu tempo, fazem parte de um processo contínuo de transformações. O que revela que a proposta dos filmes no ensino não ocorreu de forma isolada, foi uma continuidade das mudanças que já vinham ocorrendo.

Falando desta contribuição, Abud (2003, p. 185) nos explica que simultaneamente enquanto os teóricos da Escola dos Annales preocupados em expandir uma nova concepção e prática de como alcançar o conhecimento histórico através de novas fontes, em países como os Estados Unidos, Suíça, Itália, por exemplo, estudiosos também visavam novas mudanças educacionais, que por sinal, fossem capazes de situar o aluno à nova realidade Ocidental. O que quer dizer que as próprias mudanças histórico/sociais, de certa forma já exigiam que os espaços educacionais aderissem aos novos meios audiovisuais, ou as tecnologias em geral.

Desta forma, é a partir do século XX que os professores aumentam a recorrência ao uso dos filmes nas aulas de história, embora muitos professores ainda usem este recurso baseados na concepção de que os filmes podem ser fiéis aos acontecimentos do passado.

No Brasil, a preocupação e também alguma prática com filmes na escola aparece desde os anos 20, com maior disseminação nos anos 80 e com grande presença a partir dos anos 90 (SUBTIL e BELLONI, 2002). Com a disseminação de recursos próprios das novas tecnologias, os filmes passam a contar com uma facilitação no seu uso. (FERNANDES, 2007, p. 03).

Esta citação nos dá partida para compreendermos que o ensino de história no Brasil também foi palco destas transformações historiográficas, o que influenciou a inserção dos recursos audiovisuais como veículo do processo ensino-aprendizagem, mais especificamente o cinema, uma vez que os estudiosos ligados à Escola Nova apostavam em um método que pudesse tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes para os educandos. Com base em Abud

(2003) os adeptos da Escola Nova eram formados por um conjunto de educadores que se opunham à pedagogia tradicional de ensino. Isto contribuiu para que a perspectiva dos filmes fosse difundida entre as instituições de ensino.

Outros autores já buscam explicar que a presença dos filmes nas escolas brasileiras foi uma constante mais remota, uma vez que há muito tempo pesquisadores já investiam nessa possibilidade. A de levar até às escolas os filmes como recurso didático para o ensino de história, como é o caso de Bittencourt (2004, p. 371) que afirma que o intelectual Jonathas Serrano “[...] procurava desde 1912 incentivar seus colegas a recorrer a filmes de ficção ou documentários para facilitar o aprendizado da disciplina.” (Bittencourt, 2004, p. 371).

Ainda segundo Bittencourt (2004), o professor Jonathas Serrano era defensor do uso da linguagem cinematográfica no ensino, tendo a mesma concepção de muitos especialistas da área. Para Jonathas Serrano os professores de história teriam nos filmes a oportunidade de “abandonar o tradicional método de memorização”, sendo que, com base nos filmes e usando as palavras de Bittencourt, “os alunos poderiam aprender ‘pelos olhos e não enfadonhamente só pelos ouvidos, em massudas, monótonas e indigestas preleções.’” (SERRANO, *apud*, BITTENCOURT, 2004, p. 371-372).

Outros autores que também fazem referência a Jonathas Serrano como Taís Campelo (2006) nos explica que o professor Jonathas Serrano foi um grande estudioso e intelectual, sobretudo, defensor de novas propostas pedagógicas para o ensino, dedicando-se desde o princípio, a concepção de que a educação brasileira teria a possibilidade de ser alcançada por intermédio do cinema. Além de influente no ensino brasileiro, o educador foi expoente da Escola Nova e dedicou anos de sua trajetória à Igreja Católica no Brasil, inclusive se “[...] aliou a militância católica às atividades em prol do cinema como instrumento de educação da população.” (CAMPELO, 2006, p. 57).

Ainda, segundo Campelo (2006) os autores Jonathas Serrano e Venâncio Filho em sua obra *Cinema e Educação* deixam esclarecidos, juntamente com os demais colaboradores que os ajudaram a compor a obra, algumas das intencionalidades que estavam por trás dessa proposta de que a educação brasileira deveria ser difundida mediante a introdução do cinema no ensino de história. Neste caso caberia ao cinema:

Ao finalizar o prefácio, deseja que, assim como o rádio, o cinema também “realize o milagre de mostrar o Brasil todo a todos os brasileiros, do homem do litoral ao do extremo Oeste o dos Pampas ao da Amazônia-contribuição magnífica e urgente à obra da educação nacional” (p.13). (CAMPELO, 2006, p. 67).

Como o objetivo maior era mostrar o Brasil, a referida autora acrescenta que na obra, anteriormente citada, Jonathas Serrano fala da preocupação de muitos defensores desta proposta em fazer certo controle com relação às imagens que seriam postas nos filmes, na tentativa de evitar influências indesejáveis contra o que verdadeiramente se propunha mostrar. Este receio era pertinente, em razão de que os filmes constituem um mecanismo de educação das massas, o que poderia influenciar a percepção desta. De tal forma que:

Apesar do valor educativo, a força de suas imagens tornava-a “temível”, podendo levar ao descontrole das massas. Este temor às massas pautará o debate sobre a utilização dos meios de comunicação nos primeiros anos do século XX. Mais que isso: estará presente nas diretrizes da educação da polícia política e nos dispositivos de regulação da produção artística e da mídia. (CAMPELO, 2006, p. 66).

Campelo (2006, p. 67) ainda acrescenta que muitos defensores da ideia de inserir o cinema nas propostas educacionais eram temerosos no sentido de que o cinema não pudesse alcançar o sucesso tão desejado. Isso, sem que antes houvesse um levantamento quantitativo, a fim de conhecer se as escolas brasileiras teriam condições de receber esta nova ferramenta de ensino. Foi preciso uma adaptação técnica nas escolas, além de providenciar os aparelhos de projeções deveria haver também uma preparação dos professores, ensinando-lhes as técnicas básicas de manejo dos aparelhos, sobretudo, de que forma deveriam usar os filmes para que suas expectativas fossem devidamente alcançadas. É o mesmo que um alerta sobre as possibilidades de ensino-aprendizagem que podem ser alcançadas com base nos filmes nas aulas de história.

O que mais chama atenção nessas novas propostas de ensino é a visão conservadora de que, a partir do cinema a juventude brasileira passaria a conhecer e ao mesmo tempo difundir a história oficial de seu país. Conforme Campelo (2006) até mesmo os “professores escolanovistas” da época defendiam o uso do cinema no ensino, mas que servissem exclusivamente para garantir o ensino oficial.

Para Jonathas Serrano a construção desta dita verdade histórica estava posta em risco por conta dos novos filmes históricos que iam surgindo na época, uma vez que este tipo de filme poderia distorcer a visão histórica que já vinha sendo construída. Para o autor, este fim seria inevitável, pois os filmes históricos geralmente são imbuídos de diversas interpretações e sentimentos da pessoa que o produziu. De tal forma como afirma o próprio Jonathas Serrano

(*apud*, ABUD, 2003, p. 187). “(D)eforma-se deliberadamente o passado para efeitos românticos, ou cômicos, e o público aplaude e ... desprende o que sabia ou aprende errado para o resto da vida”.

No artigo *Cinema Educativo, 1920-1930: a educação das massas e a educação do cinema nacional* a autora Rosana Elisa Catelli (s/d) faz um estudo onde mostra o que se procedeu no cinema educativo entre os anos 1920 e 1930. E um ponto importante merece destaque, quando a autora explica que o contexto histórico em que o cinema educativo se expande no ensino brasileiro, foi marcado tanto pelas novas propostas educacionais que emergiam na época, quanto pelas “[...] disputas entre projetos políticos de transformação da sociedade brasileira” (CATELLI, s/d, p. 01). Sendo que, para os estudiosos ligados a Escola nova, incluindo “educadores, intelectuais e políticos”, a modernidade do Brasil seria alcançada via educação e mediante o uso da linguagem cinematográfica.

Desta forma, o cinema educativo no Brasil é interpretado como sendo parte integrante do projeto político modernizador da sociedade vigente no século XX. Catelli (s/d, p. 01) ainda comenta que além das novas propostas educacionais outros órgãos importantes, como a Igreja Católica e o Estado Novo a partir de 1937 influenciaram com a criação e divulgação de projetos que viabilizassem a inserção do cinema enquanto alternativa para difundir a modernização do país.

Ainda é importante ressaltarmos que de acordo com Catelli (s/d, p. 01) o cinema educativo no Brasil surge no momento em que grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, de certa forma estavam passando pelo processo de invasão das “imagens em movimento”. É o período em que começa a ser ampliada a cultura visual no país e é visto, sobretudo, como um novo meio de educação e investigação do conhecimento científico.

Após as iniciativas dos autores Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho em educar a população via cinema educativo, surge em 1936 o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Segundo Fernandes (2007, p. 22) o INCE foi criado para a elaboração de livros didáticos e produção de filmes direcionados a história oficial do Brasil. E dentre as finalidades deste órgão estava a de “[...] controlar as influências que o cinema exerceria sobre a juventude”, (ABUD, 2003 p. 186).

Em muitos trabalhos encontraremos a afirmativa de que os primeiros trabalhos desenvolvidos pelo Instituto _ INCE _ foi a criação de um Projeto Nacional para a produção de dois grandes filmes, que abordassem exclusivamente a história do Brasil. Os filmes são *O Descobrimento do Brasil* e *Os Bandeirantes* ambos dirigidos por Humberto Moura. Fazendo uma breve análise deste primeiro filme Catelli (s/d, p. 10) afirma que corresponde a uma

produção fílmica elaborada com base em documentos oficiais sobre a história do Brasil, onde o seu enredo principal é fazer uma reconstrução da história do país.

“[...] O filme recorre, como fonte de composição de seus planos e suas seqüências, a diversas pinturas, sendo a Primeira Missa no Brasil (1861), de Victor Meirelles, a citação mais clara” (MORETTIN, 2000, p.137). A dramatização, a trilha sonora, a montagem cinematográfica compõem uma nova forma de contar a história, que coincide com a ascensão do cinema narrativo como espetáculo de massa nas grandes cidades. Segundo Stam e Shohat (2006), “o cinema, haja vista o seu papel _ por excelência de contador de histórias da humanidade, adequou-se á função de retransmissor das narrativas das nações e dos impérios” (STAM E SHOCHAT, 2006, p.144)”. (CATELLI, s/d, p. 10).

Ao se propor em recontar a história do Brasil, o filme trás à tona características simples, porém, marcantes para a proposta do cinema educativo. Filme que ainda hoje mantém sua importância e seu valor educativo, inclusive muito usado nas escolas atualmente.

Retomando o discurso de Catelli (s/d, p. 01-02) Outro aspecto importante é a concepção de que o cinema educativo também pode ser interpretado, não somente como parte de um projeto modernizador da sociedade brasileira, mas “como um projeto de modernização do próprio cinema”. Isto por que, segundo a autora, muitos dos filmes produzidos até então, eram produções que divulgavam uma imagem indesejável para a proposta educacional.

Além disso, o autor Eduardo Victorio Morettin (*apud* CATELLI, s/d, p. 12) apresenta a concepção de que essa mudança no cinema em si era necessária, uma vez que o Brasil estava sendo visto através de cenas de “[...] ‘imigrantes e/ou em centros afastados das grandes cidades, o cinema representava para as suas plateias imagens de difícil assimilação’, não apenas por fragilidade técnica, mas, sobretudo pela exposição do ‘atrasado, do rural do anti-higiênico’”.

Desta forma, o cinema estava revelando características contrárias a um país que se enquadrasse nos projetos modernizadores, como acrescenta Catelli (s/d, p. 02):

Nesse sentido, a proposta de cinema educativo pode ser vista como um projeto dos “homens de cinema” de educar o próprio cinema, principalmente os filmes que eram chamados de “naturais”, que eram um dos principais alvos de crítica da Revista Cinearte, por representar o Brasil com imagens de um país “selvagem” em oposição a um Brasil moderno.

Ainda com base na autora, a revista *Cinearte*² assim como os educadores influentes da Escola Nova tinha como objetivo maior promover a divulgação de um cinema que enriquecesse a imagem do Brasil, tanto para a sociedade brasileira quanto para o mundo exterior. Para alcançar este objetivo, a revista se encarregava de expor em suas publicações, alguma crítica sobre filmes que remetessem a cenas de um país “parado”, sem demonstração de progresso.

Nesta linha de interpretação a autora Jocyléia Santana dos Santos (s/d, p. 04) no trabalho *O Ensino de História da Educação com Filmes*, afirma que em 1930 as autoridades políticas, especificamente no governo de Getúlio Vargas tinham como objetivo principal tomar a educação como “alvo” do seu governo, para este fim o cinema nacional era usado como mecanismo de assegurar a “divulgação da cultura do Estado”.

Neste caso, o enfoque principal do cinema educativo consistia na base ideológica para o governo, onde a preocupação maior, segundo Santos (s/d) era estar a par com o governo autoritário dos países exteriores. Vale frisar que esta concepção do cinema como via para educação brasileira, em estilo conservador, persistiu nas décadas de 40 e 50. De acordo com Rosália Duarte (*apud* AQUINO, 2002, p. 01) nesta época os responsáveis pela educação brasileira estavam “preocupados” “[...] com a criação de um projeto civilizatório e de aculturação do povo que pudesse ser levado a todos os cantos de um território de dimensões continentais”.

Essas e outras discussões problematizam o fato de que por muito tempo o cinema brasileiro, foi produzido e usado para o público, como veículo mantedor da ordem, a ideia era difundir uma história oficial. Este estudo indica que apesar da aceitação das novas propostas para o processo ensino-aprendizagem da Escola Nova, o que prevalece é o ensino tradicional. Como afirma Abud (2003, p. 187) “[...] por um lado pareciam servir aos objetivos da Escola Nova, por outro ajudavam a sacramentar mitos nacionais.”

Embora se tenha estas constatações e o conhecimento de que os filmes poderiam ser eficientes no ensino, cabe ressaltar que sua chegada ao espaço escolar foi um processo lento. Praticamente os alunos não tinham acesso. Tratava-se de uma técnica restrita às salas de cinema, sendo que, esta restrição somente fora superada quando a educação passou a contar com novas ferramentas de ensino, incluindo a televisão e os videocassetes, mais tarde substituídos por aparelhos de DVDs.

² Segundo Catelli (s/d) A publicação oficial da revista *Cinearte* foi realizada entre os anos 1926 e 1942, no Rio de Janeiro.

Para Fernandes (2007) os filmes enquanto proposta pedagógica para o ensino de História no Brasil ganhou dimensões maiores nos anos 80, período em que o custo dos utensílios necessários para a projeção dos filmes em sala foram barateados, acentuando um avanço maior nos anos 90, uma vez que houve um aumento do acesso aos filmes, e as ferramentas de projeção no geral. Desta forma, os professores aumentam a recorrência ao uso dos filmes em sala de aula, “[...] quando os custos de reprodução de filmes e a distribuição, além do equipamento _ são substituídos: projetores caros são trocados por ágeis e baratos videocassetes e televisivos” (FERNANDES, 2007, p. 23).

Nesse sentido, faz-se necessário partirmos para uma discussão onde enfocaremos sugestões e possibilidades didáticas de qual deve ser, hoje, o papel educativo dos filmes nas aulas de história, como ele contribui para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

CAPÍTULO II: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

2.1. A Importância dos Filmes enquanto Recurso Didático.

Segundo o autor Alexandre Coelho Pinheiro (2008, p. 01) os filmes já são os recursos mais usados no ensino, dentre suas maiores contribuições uma delas tem sido estreitar a relação entre “aluno-professor e professor-aluno”, ajudando o aluno-cidadão a desenvolver seus conhecimentos e habilidades enquanto sujeito social.

Aqui, a pretensão é justamente mostrar como a inserção da linguagem cinematográfica pode auxiliar e ao mesmo tempo ampliar as possibilidades pedagógicas, especificamente para o ensino de história. Entretanto, nos cabe esclarecer alguns pontos importantes para compreendermos a partir de que momento o filme se porta como um recurso didático, como explorá-lo para que seu potencial seja verdadeiramente eficaz no ensino e na construção do conhecimento histórico-escolar.

A começar pela compreensão de que o cinema é uma arte moderna que, desde o princípio tem agido como um forte mecanismo de comunicação e educação das massas. Trata-se de um produto lucrativo, fruto de uma determinada Indústria Cinematográfica bem elaborada, centrada na busca de promover o entretenimento, dentre outras finalidades.

Uma linguagem atual, que segundo o autor Anatol Rosenfeld (2002) cada vez mais investe na produção de filmes sofisticados, sobretudo repleto de artefatos estéticos e inovadores, a fim de oferecer ao espectador a ilusão de estar em frente da realidade. Isto acontece porque as imagens em movimento postas nos filmes trazem entre si, desde as primeiras exposições, o poder de mexer com o imaginário e a curiosidade do indivíduo. E na perspectiva do autor Roberto Catelli Junior (2009) esta corresponde a uma das características mais marcantes do cinema Hollywoodiano, que por sinal é reconhecido como o maior centro de produção cinematográfica do mundo.

É importante considerarmos que sendo o cinema um meio comunicativo, ele pode exercer certas influências na vida dos espectadores, como já vimos, o cinema transmite valores culturais de sociedades distantes, quando não oferecem a capacidade de novas interpretações sobre as relações sociais do mundo inteiro. E como aponta Fonseca (2009), além da interatividade o cinema é capaz de introduzir nas pessoas, principalmente nos jovens, novos padrões de comportamentos. Os costumes exteriores, por exemplo, invade muito rápido o cotidiano das pessoas através das telas de cinema.

Ainda diz respeito ao cinema:

Distrai, seduz, provoca diversas sensações (medo, alegrias, tristezas), alimenta nossa imaginação, nossos sonhos, e amplia nosso modo de ver e sentir as pessoas e o mundo. (FONSECA, 2009, p. 198).

Outra particularidade importante a cerca da produção cinematográfica foi também refletida por Delton Aparecido Felipe (2009). Para o autor, o filme imagina quem será possivelmente o seu público alvo, de tal forma que ao ser produzido os cineastas possuem certa noção de qual será o sujeito social que aquele filme irá atingir. Será para uma plateia que aprecia filmes românticos, ficção ou comédias e ainda se é um filme direcionado às crianças, jovens, ou adultos. Tem mais, “investigam quem é potencialmente a plateia, o que ela quer, como ela vê os filmes, quanto pagam para ver, o que faz chorar e rir, amar e odiar, torcer ou decepcionar.” (FELIPE, 2009, p.52).

Até porque, o cinema não deixa de ser uma técnica que depende unicamente do interesse e do gosto do espectador em querer ir ou não assistir algum espetáculo de cinema. Isto implica, que se em grandes proporções o espectador, por razões particulares, optar em não ir assistir ao filme, conseqüentemente o cinema acaba falhando em sua estratégia principal, a de alcançar o entretenimento e o seu grande público, dois objetivos centrais do cinema Hollywoodiano.

Levando em consideração tantas impressões advindas do cinema, é válido para os cineastas ter todo um trabalho estratégico na hora de produzir o filme. Para assim, encontrar as melhores possibilidades de como atender, de forma mais específica, o gosto de cada tipo de mercado consumidor. Isto acrescenta em nossa discussão a visão de que a produção fílmica possui o propósito de ser lucrativo.

Mas é importante a ressalva de que geralmente por traz destas intencionalidades o foco principal não é fazer do cinema uma verdadeira obra de arte, como discute Rosenfeld (*apud* MATTA, 2004, p. 99) sim, um artefato comercial, uma vez que o propósito do cinema é produzir para a Indústria de entretenimento. Assim, essa característica técnica do cinema também pode ser interpretada como mecanismo de superar uma acirrada competição com as demais indústrias cinematográficas produtoras de cinema presentes no mundo inteiro.

Diante de tais discussões envolvendo as produções cinematográficas vistas até o momento, fica esclarecida a concepção de que os filmes se distanciam das propostas didáticas para o ensino de História, melhor dizendo não possuem a pretensão de ser um

recurso didático, pois a sua finalidade é outra, onde diversão, lazer, entretenimento e competitividade formam a sua preocupação maior.

De acordo com Catelli Junior (2009) bem como outros autores, atualmente as pessoas em geral possuem a oportunidade de aprender História muito mais através dos filmes, bem como da televisão, outra técnica influente na comunicação, do que por meio da leitura de textos, mesmo quando se trata de textos literários ou jornalísticos, incluindo os livros didáticos. “Esta é uma realidade incontestável do mundo contemporâneo, no qual o indivíduo urbano tem seu cotidiano dominado pelas imagens.” (CATELLI JUNIOR, 2009, p. 54 e 55).

E frente a esta nova realidade, vem crescendo o número de especialistas da área pedagógica que investigam novas possibilidades, sobretudo novas propostas metodológicas e orientações didáticas de como levar os filmes para as salas de aulas, fornecendo ainda aos professores um aparato teórico a cerca dos benefícios que os filmes oferecem ao ensino de História, alertando também para os possíveis riscos desta prática, a exemplo de Napolitano (2011) em sua obra *como usar o cinema na sala de aula*, onde elabora uma descrição básica de como usar os filmes nas diferentes disciplinas escolares.

Sintetizando a importância que se deve atribuir aos filmes, no trabalho *A História Contada no Cinema* organizado pelos autores Luciene Sokolowicz e Ricardo Alexandre Ferreira (2009, p. 02) há uma definição direta envolvendo a inserção dos filmes no ensino, a concepção de que “[...] todo e qualquer filme pode ser educativo a partir do momento em que se aproprie dele de forma didática”. Nesse sentido, em detrimento da sua composição científica e do seu endereçamento final, o filme para ser didático, deve ser interpretado como tal, ou seja, a sua função educativa aparece quando o docente encara o filme como um recurso de investigação histórica, sujeito a diversas análises críticas e interpretações para o ensino.

E esta indicação não se refere apenas aos filmes e sim, a todo e qualquer tipo de recurso didático, desde que contribua para o desenvolvimento escolar. E, citando os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs de História, podemos observar o incentivo à prática através dos filmes:

Todo material, que no acesso ao conhecimento tem a função de ser mediador na comunicação entre professor e aluno, pode ser considerado material didático. Isto é, são materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho de sala de aula __livros-manuais, apostilas e vídeos__, como, também os não produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino. (BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais* - 5ª a 8ª séries-História. MEC, 1998, p.79).

Para Napolitano (2011) os filmes, sejam eles de caráter comercial, dos mais modernos e sofisticados aos “difíceis”, sempre dará alguma possibilidade pedagógica para o ensino. O autor ainda comenta que esta é uma proposta que também pode ser desenvolvida já na fase inicial da Educação Infantil, uma vez que as crianças aprendem muito cedo a fazer leituras de imagens em movimento, já que muitas passam a maior parte do tempo em frente à televisão. Embora, seu uso seja mais frequente na segunda fase do Ensino Fundamental e durante o Ensino Médio. Contudo, é natural que no trabalho com filmes exista uma série de cuidados e métodos específicos para cada nível escolar.

Neste sentido é importante considerar que assistir filmes já é uma prática comum tanto no universo escolar, quanto no próprio cotidiano de muitos alunos, muitas vezes sem precisar sair de casa, para quem tem acesso a internet, quando não compram ou alugam as películas em locadoras de vídeos. Para Fonseca (2009), os filmes podem ter uma aceitação maior em sala, justamente por ser um veículo condizente com a realidade do aluno. Esta reflexão interessa aos professores, uma vez que ao ser projetado um filme em sala de aula a alunos que possuam certo hábito de assisti-los, certamente eles terão mais capacidade de, com o auxílio do professor desenvolver habilidades de assimilar um determinado filme ao conteúdo histórico que esteja sendo abordado.

Quanto a importância dos mesmos para o ensino de História Bittencourt (2004) acrescenta que os mesmos merecem ser entendidos muito mais do que uma simples diversão, a sua importância didática reside no potencial de trazer a tona representações de aspectos marcantes envolvendo as sociedades em todos os tempos. “Produções modernas, como os filmes, registram a vida contemporânea e reconstruem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imaginam o tempo futuro.” (BITTENCOURT, 2004, p. 353). Desta forma, os alunos encontram nos filmes a oportunidade de reviver manifestações passadas, ao mesmo tempo em que acompanham as transformações da sociedade contemporânea.

Em comparação com Fonseca (2009), quando descreve que a peculiaridade dos filmes está na capacidade de revelar ao aluno-espectador uma diversidade de pistas, incluindo valores, costumes e relações cotidianas das sociedades em épocas diferentes.

De tal forma como também afirma Felipe (2009, p. 54), ao falar da importância do cinema na educação:

O cinema é importante para a educação, porque permite uma experiência estética e expressa dimensões da sensibilidade das múltiplas linguagens e narrativas humanas. O uso didático do filme é uma possibilidade real de

mobilizar os alunos e as alunas para a busca do conhecimento e ampliar a capacidade de desenvolver sensibilidades.

Então, é na dimensão de possibilidades que o cinema provoca no público, que consiste uma das principais vantagens que os filmes podem oferecer aos alunos para uma melhor apreensão do conhecimento. “Trata-se de outra forma de produzir, entender, refletir e criticar historicamente, pois é um documento diferente dos conteúdos dos livros [...]”. (FERNANDES, 2009, p. 12).

Além disso, e conforme Schmidt (*apud* FERNANDES, 2009, p. 12), o filme nas aulas de História, ajudam o aluno a superar a concepção conservadora de que o documento, enquanto fonte histórica deve revelar os acontecimentos históricos sem interferência externa.

Naturalmente o que se quer não é formar alunos cineastas ou analistas de cinema, pois esta é uma técnica que cabe exclusivamente às escolas cinematográficas, mas sim ampliar dentre outros objetivos, sua compreensão de que determinado conteúdo histórico também pode ser estudado a partir da análise de novas fontes didáticas.

2.2. Analisando algumas Sugestões Didáticas.

Levando em consideração as discussões teóricas acima discutidas, iremos conhecer melhor alguns processos metodológicos que são apresentados em algumas referências e manuais didáticos aos professores de História que queiram inserir o uso de filmes em suas práticas. Contudo, esperamos que as possíveis orientações a seguir destacadas não sirvam de forma exclusiva, como regra ou modelo-padrão de como usar os filmes. Sim, como mais uma fonte discursiva elaborada com a finalidade de oferecer aos professores um conhecimento indispensável para o momento de realização de suas escolhas metodológicas diante dos filmes.

Melhor esclarecendo, não há uma única alternativa como método de aplicação didática que seja então considerada a mais correta, pois o que não faltam são sugestões que buscam informar o professor sobre os caminhos mais viáveis a serem tomados quando o assunto é recurso didático.

E com base na interpretação dos autores Sokolowicz e Ferreira (2009, p. 04) o filme é e sempre será uma produção artística independente das propostas pedagógicas. E é aí onde reside um grande desafio para os professores, enquanto mediadores, o de encontrar metodologias que transformem o filme numa ponte para o ensino-aprendizagem, seja para o

conhecimento histórico, científico ou social. Nesta condição, cabe ao professor fazer o que os autores chamam de unir a arte à técnica, ou seja, criar condições para tornar eficaz o papel dos filmes no ensino, o que revela que o valor educativo dos filmes depende da intervenção pedagógica que lhe será atribuído em sala.

Entretanto, para todo trabalho realizado com o cinema no ensino de História, insiste a preocupação entre os principais membros educacionais de que os filmes não possuem a pretensão de ser verdadeiros diante dos conteúdos. Independente de qual gênero pertença, os filmes estão diretamente influenciados pela época a qual foram produzidos, uma vez que os produtores cineastas fazem uso das tecnologias e ferramentas que estiveram disponíveis ao seu alcance, ou geralmente buscam nos filmes uma forma de expressar determinada visão, com base no contexto histórico-social do seu tempo.

Ainda com base em Catelli Junior (2009) é nesta característica pertinente aos filmes que também se encontra um dos maiores desafios que o professor de História tende a enfrentar. A relação do mesmo com o conteúdo histórico, ou seja, “a veracidade da fonte”. “As imagens podem ser falsas, conter verdades e inverdades, podem ser montadas.” (CATELLI JUNIOR, 2009, p.60). O que conseqüentemente pode levar o aluno a compreensão de que o que visualizam representa a versão final sobre determinado conteúdo.

Ainda assim, é importante destacar que diante da enorme diversidade de gêneros filmicos disponíveis no mercado cinematográfico, estudiosos da área pedagógica informam que os filmes conhecidos como “filme histórico” representam os mais adequados para o ensino de História. Aliás, segundo Napolitano (2011), já é notável que os professores de História possuam uma recorrência maior pelo uso dos filmes históricos na sala de aula. Esta recorrência prevalece pelo fato de que os filmes históricos geralmente são produzidos baseados em uma temática histórica.

Quanto aos filmes históricos Catelli Junior (2009, p. 59) prossegue afirmando que o mesmo pode ainda ser classificado em dois tipos: “documentários e não documentários”. Para melhor compreendê-los cabe analisar um pouco sua especificidade e sua relevância para o ensino.

Na visão de muitos professores de História o filme sendo do tipo documentário pode oferecer ainda mais vantagens para a construção do conhecimento histórico, na medida em que transmite certa segurança, ou melhor, possui um “olhar mais verdadeiro” e objetivo sobre o conteúdo a ser estudado em aula.

“É como se os documentários preservassem uma pureza de fatos, em contraposição aos voos da imaginação próprios ao espaço ficcional.” (SILVA e FONSECA, 2007, *apud*

FONSECA, 2009, p. 204.) Isto acontece porque geralmente são produções que focam melhor o fato, fazendo uma reconstituição da realidade, com base em depoimentos e imagens de pessoas que vivenciaram o momento histórico.

Como apresenta Catelli Junior (2009, p. 59):

No filme documentário as imagens registram fatos que existiriam independentemente de serem filmados ou não. Não há a interpretação dos personagens de destaque, salvo no caso de entrevistas, pois aí o entrevistado “oferece” a imagem de si mesmo que melhor lhe agrada. Ele geralmente é a montagem de imagens do passado, de documentos filmados e de cenas do presente, que iram construir um discurso sobre o tema abordado.

Já o filme não documentário é aquele visto como filme histórico propriamente dito. Com base em Catelli Junior (2009) a diferença é que ao contrário do filme documentário, o filme histórico possui um enredo característico de cinema e se baseia em uma trama para contar os fatos. Melhor dizendo, os filmes históricos se apropriam de algum determinado fato histórico que tenha sido importante para a sociedade e o momento que se queira abordar, para assim elaborar uma narrativa deste fato.

Embora os gêneros fílmicos, acima mencionados, seja referência enquanto recurso didático para as aulas de História, uma vez que abordam uma linguagem mais próxima do conteúdo, há muito que refletir entre os professores que apostam nesta prática. É preciso pensar que os filmes uma vez histórico ou documentário, são objetos repletos de subjetividade.

Por exemplo, o filme documentário como aponta Napolitano (2011, p. 31) apesar de ser uma produção mais “séria e aprofundada”, não deixa de ser sujeito às interferências e escolhas próprias do profissional, que geralmente vai desde a elaboração do roteiro a exibição, incluindo a escolha dos personagens, bem como imagens e cenários que o documentário irá tratar. Segundo as contribuições de Bernardet e Ramos (1988), “os documentários não são reproduções da realidade, mas construções, interpretações da realidade”. (FONSECA, 2009, p. 204). Desta forma, é ariscado o uso dos filmes como prova de uma verdade histórica.

Além disso, os próprios filmes documentários também podem sofrer o que Catelli Junior (2009, p. 54) chama de “manipulação ideológica”. Um exemplo disso são os documentários cinejornais³ produzidos no Brasil nos anos 1930, que procurava revelar uma imagem positiva do então líder governante desta época. Da mesma forma, com os que foram

³ Os cinejornais representavam, em 1937, um dos meios de propagação do regime ditatorial.

produzidos entre os anos 40 e 80, onde os documentários enfocavam os casos tidos “importantes” para o governo, sem remeter às disputas internas e conflitos acirrados entre os próprios dirigentes desta referida época.

Podemos perceber que os filmes históricos, sendo “documentários ou não documentários” não ficam de fora desta leva de interferência externa. Para Napolitano (2011) os filmes históricos geralmente costumam falar mais da sociedade contemporânea que o produziu do que mesmo sobre o tema histórico que o mesmo propôs abordar. Neste sentido, a preocupação maior está no fato de que os filmes históricos podem distorcer a interpretação sobre o passado, uma vez que podem contar aspectos que não condizem com o que de fato aconteceu. Desta forma, é preciso que o docente conheça bem os tipos de filmes e saiba assumir uma postura crítica, a fim de evitar que os filmes confundam, em vez de auxiliar a aprendizagem do aluno.

Em geral, esta característica relativa aos filmes históricos é um aspecto que também chama a atenção dos documentos educacionais de História, especificamente os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs que abordam certa preocupação quanto aos riscos que o uso inadequado dos filmes pode causar para a proposta didática direcionada ao ensino de História. Então, no trabalho com filmes históricos requer os seguintes cuidados:

No caso de trabalho didático com filmes que abordam temas históricos é comum a preocupação do professor em verificar se a reconstituição das vestimentas é ou não precisa, se os cenários são ou não fiéis, [...] um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que a informação extraídas estão mais diretamente ligadas á época em que a película foi produzida do que a época que o retrata[...].Para evidenciar o quanto os filmes estão impregnados de valores da época com base na qual foram produzidos tornam-se valiosas as situações em que o professor escolha dois ou três filmes que retratam um mesmo período histórico e com os alunos estabeleça relações e distinções, se possuem divergências ou concordâncias no tratamento do tema.[...]. Todo o esforço do professor pode ser no sentido de mostrar que, á maneira do conhecimento histórico, irradiando sentidos e verdades plurais. (BRASIL, *Parâmetros curriculares nacionais -5ª a 8ª séries-História*. MEC, 1998, p.88 *apud* NAPOLITANO, 2011, p.38).

Este relato só reafirma que os filmes são eficientes para o ensino de História, quando são interpretados como recurso produto de sua época e que merecem cuidados específicos, quando pensados como recurso didático, uma vez que sendo ficção, documentário ou filme histórico estará sempre influenciado pelo contexto e modo de produção pertinente a sua

época. Neste sentido, prossegue Napolitano (2011, p. 38) afirmando que o professor deve ficar atento para evitar “duas armadilhas”, “o anacronismo e a super-valorização”.

“O anacronismo ocorre quando os valores do presente distorcem as interpretações do passado e são incompatíveis com a época representada” (NAPOLITANO, 2011, p.38). Isso pode acontecer, uma vez que a produção fílmica não tem compromisso com o passado e foram feitos com interpretações contemporâneas, na busca de satisfazer o seu público. Mas, isso não quer dizer que o professor não possa trabalhar enfocando justamente estas possíveis distorções, instigando os alunos a novas interpretações.

Para o mesmo autor, a super-valorização é muito comum acontecer em crianças, pelo poder de simulação da realidade provocada pelos filmes e principalmente quando é exibido com função unicamente ilustrativa, sem que antes ou depois haja uma interpretação e intervenção pedagógica, deixando que o filme sirva de simulação a verdade independente de qual conteúdo queira abordar.

Pontualmente, estas informações fazem um alerta sobre a principal postura que deve assumir o docente diante dos filmes. Conforme Ana Lúcia Morais de Brito (2003), para usar o filme, assim como todo recurso didático, antes de tudo, é preciso ser consciente que se trata de uma linguagem que, por si só não age como uma “fórmula mágica”, onde basta ser exibido em sala e de imediato os alunos serão capazes de compreender e assimilar diretamente o filme ao conteúdo. Então, a melhor maneira é fazer da sala de aula um espaço de investigação histórica, analisando o filme de forma criteriosa. E sendo assim, o professor estará contribuindo para superar a prática estritamente ilustrativa que se faziam dos filmes em 1912 como vimos no capítulo anterior, onde os filmes agiam sozinhos, sem haver uma preocupação em analisá-lo historicamente.

De acordo com Napolitano (2011) para se realizar uma análise crítica de determinado filme não exige que o professor tenha que ser um *cinéfilo*, técnico especialista em análises de cinema, alguns conhecimentos não deixam de serem importantes, como buscar conhecer melhor sobre a linguagem cinematográfica, que conforme Fonseca (2009), “não tem compromisso com a historiografia”. Para começo de discussão caberia fazer certa apresentação do filme, quem o produziu, época em que fora produzido, se foi um filme bem aceito pelos espectadores.

Dentre esta busca, o professor deve fazer a análise partindo da visão de que o filme é um artefato cultural, estético, onde ali está expresso não o conteúdo dado em si e sim, uma interpretação, quando não o sentimento de alguém. E em sala de aula é papel do professor auxiliar o aluno a fazer uma leitura do filme com o “olho crítico”. Com base nesta visão

crítica o aluno tem a oportunidade de conhecer outras dimensões históricas, como valores sócio-culturais da temática a qual o filme aborda o que aumenta sua capacidade de interpretação e formação do senso crítico.

Conforme Napolitano (2011), quando afirma que o professor, como mediador deve reconhecer em um filme detalhes que não ficaram explícitos, ou seja, identificar as abordagens e os problemas que o filme não abordou, aprofundando uma discussão em torno do tema para que os alunos possam descobrir o significado daquilo que está nas “entrelinhas”, o que propôs o diretor do filme quando narrou determinada história, quando fixou a câmera por mais tempo em uma mesma imagem. São detalhes mínimos, mas que fazem uma grande diferença para a aprendizagem do aluno quando são interpretadas de forma questionadora.

Ainda nos cabe acrescentar que o filme é formado por outros elementos importantes que também podem ser analisados criticamente, como: “[...] a música, o cenário, a colocação das câmeras, o movimento, o perfil dos personagens.” (SILVA *apud* PAVANATI, 2005, p. 112). Para a referida autora, fazendo assim o professor estará trabalhando não somente o conteúdo da História, como também fazendo uma interpretação geral do filme, com base nestes elementos que dizem muito sobre a sociedade que o produziu. É isso que se espera que os professores de História possam fazer com base no uso dos filmes, é despertar no aluno a capacidade de ser analítico, crítico e reflexivo diante de um objeto que oferece ferramentas para a compreensão da História em épocas diferentes.

Em sala, um aspecto metodológico que merece destaque e que Napolitano (2011) chama a atenção refere-se ao momento da escolha do filme, é preciso ter cuidado. O espaço escolar é um ambiente onde se encontram diversas personalidades, crianças e jovens com gostos, religiões e hábitos diferentes. E sendo assim, na hora de escolher o filme é essencial que o professor, em primeiro lugar possa fazer um levantamento quantitativo, a fim de adequar o filme a faixa etária dos alunos, evitando que haja possíveis frustrações entre professor e aluno.

Dependendo da idade dos alunos, filmes que contenham cenas muito violentas e que se remeta diretamente a aspectos religiosos ou alguma demonstração de ato sexual pode ser uma escolha perigosa. Ainda com base em Napolitano (2011) a forma como os conteúdos são abordados neste tipo de filmes podem, em certos casos, gerar resistências e conseqüentemente certo bloqueio de aprendizagem, uma vez que podem agredir alguns valores preservados na vida dos alunos. Em casos assim, afirma o autor que se deve evitar dependendo da faixa etária e para não prejudicar o restante da turma, o caminho mais viável seria fazer alguns recortes nestas cenas fortes.

Para complementar este cuidado, o filme não deve ser usado exclusivamente para a compreensão de conteúdos históricos, uma vez que existem outros gêneros filmicos que também podem ser usados com o propósito de fazer uma aula mais dinâmica e atraente. Filmes baseados em histórias reais que narram lições de vida, superação, por exemplo, podem ser úteis no incentivo a alunos com problemas pessoais, falta de interesse e mau comportamento, dentre outros. O que reforça um dos objetivos essenciais do ensino de História, que é a formação do aluno enquanto ser social. Isso explica que as possibilidades com o uso dos filmes são variadas e seu resultado em sala vai desde a criatividade do professor a um bom planejamento.

Neste sentido, uma possibilidade didática poderia ser desenvolvida a partir do documentário *Ilha das Flores* [FURTADO, Jorge. Brasil: Produção/ Mônica Schmiedt/Giba Assis Brasil/ Nôra Gulart, 1989, 15min.]. Como nos mostra a referência, este documentário não é uma produção recente, porém, contextualiza aspectos comuns à sociedade moderna, fáceis de serem percebidos não apenas nas “Ilhas das flores”, lugar onde o filme é encenado, como também na realidade total das cidades brasileiras. Com este curta-metragem pode ser problematizado em sala a questão da desigualdade social, buscando uma análise crítica envolvendo os fatores oriundos do sistema capitalista.

Com base em Jairo Carvalho do Nascimento (2008, p. 17), o filme quando bem trabalhado pode ser associado a outras linguagens didáticas, “como uma fotografia ou uma matéria de jornal”, buscando entender em que aspectos tais recursos se aproximam ou se distanciam mais sobre a temática que se queria abordar.

Freire e Caribé (2004) também falam desta possibilidade, atrelando para o fato de que embora o uso do filme contribua para a compreensão de determinada temática histórica é evidente que ele por si só não consegue dar conta de esclarecer de modo geral a todo o processo histórico da História. Desta forma, é interessante associar o filme a outro recurso didático, “[...] tanto as novas, como internet, cd-rooms e etc, como dos antigos quadros negros e livros, além obviamente do professor”. (2004, p. 09).

Esta análise das referidas autoras no trabalho está precedido de uma das recomendações mais comuns dadas aos professores de História, a sugestão de que todo filme ao ser projetado em sala deve ser precedido de uma boa discussão introdutória sobre o conteúdo, para que quando o filme for exibido, o aluno já tenha desenvolvido certa intimidade com o conteúdo, porém, esta não corresponde ao único caminho viável para o trabalho com os filmes.

CAPÍTULO III:

A DIDÁTICA DOS PROFESSORES DE AURORA-CE.

3.1. Aspectos Físicos e Humanos das Escolas trabalhadas.

É chegado o momento onde partiremos para uma discussão analítica dos possíveis resultados da pesquisa, trabalho este, desenvolvido com base nos depoimentos dos professores de História, entrevistados nas escolas de Ensino Médio de Aurora-CE. Em fase inicial e de grande importância seguiremos a apresentação de algumas informações básicas referentes às principais características físicas e humanas das duas unidades de ensino.

Muito do que foi analisado nesse capítulo teve como apoio a pesquisa desenvolvida pela autora Ana Lúcia de Moraes (2003) em sua dissertação, *O Ensino de História: outros recursos além do livro didático*. Nesta pesquisa a autora primeiro apresenta o perfil físico e humano das escolas e depois apresenta a análise cuidadosa das entrevistas.

Monsenhor Vicente Bezerra é uma das escolas analisadas, localizada na Rua Coronel José Leite, Bairro Araçá. Atualmente, o núcleo gestor da escola está composto pelo professor Vicente Luna de Alencar, formado em História, como diretor-geral; professora Fátima Pereira da Silva como coordenadora pedagógica e a professora Francisca Auristela Fernandes França como Secretária Escolar.

Atualmente a escola conta com 22 professores, tendo apenas dois lecionando a disciplina História. Um universo de 355 alunos, nos turnos manhã e tarde, sendo que 133 alunos correspondem ao Ensino Fundamental e 222 ao Ensino Médio. Esta soma está distribuída no 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Ensino Médio, equivalente a 09 turmas com faixa etária de 12 a 18 anos.

A escola dispõe de 06 salas de aulas, laboratório de Biologia e Informática com disponibilidade de internet para alunos e professores. Biblioteca, sala especial com acervo de vídeos, filmes, documentários. Presença de lousa digital, data-show, aparelho de som, DVD, TV, dentre outros espaços importantes para o funcionamento regular de qualquer instituição de ensino.

Já a segunda escola, Tabelaão José Pinto Quezado, situada à vila Paulo Gonçalves conta com o professor, também de História, João Paulo de Sousa Pio como diretor geral e as professoras Francisca Dulce Célia Gonçalves Duarte e Jacqueline de Aquino Barros Araújo como coordenadoras pedagógicas. Um corpo docente formado por 22 professores, tendo também apenas 02 de História. Os alunos somam um número equivalente a 443, sendo que 132 correspondem ao Ensino Fundamental e 311 ao Ensino Médio, as turmas vão do 7º ano

ao 3º ano do Ensino Médio, com funcionamento nos três horários. Além disso, no turno da noite funciona uma sala especial do (EJA) Educação para Jovens e Adultos. Todas as turmas em funcionamento somam um total de 13.

Para funcionamento das atividades, esta escola dispõe de 06 salas de aulas, sendo que cada sala conta com um aparelho de TV. A escola conta também com biblioteca, laboratório de Biologia e Informática, lousa digital, data-show. Possui ainda, uma sala especial para projeção de audiovisuais, enfim, aparelhos para o desenvolvimento do projeto *Cinema na Escola*.

Mais adiante retomaremos uma discussão problematizando este projeto, acima mencionado, bem como os espaços físicos das escolas também apresentados.

No decorrer deste capítulo não divulgaremos os nomes dos professores que participaram da entrevista, os mesmos serão identificados de acordo com a inicial do nome da escola onde o docente leciona. Neste caso teremos: professora do colégio M e professor do colégio T, na análise não seguiremos necessariamente essa mesma ordem.

Os dois professores que participaram da entrevista são formados em História, ambos pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, sendo que o professor do colégio T concluiu em 2007, possui pós-graduação em Estudos da História pela FJN- Faculdade de Juazeiro do Norte-CE. Já a professora do colégio M concluiu no ano de 2008, especialização em Metodologia do Ensino de História.

O professor do colégio T leciona História há sete anos, iniciou a carreira docente logo que concluiu a graduação. Apesar do curto prazo de profissão, este professor já trabalhou com todas as séries do Ensino Fundamental e Médio. Já a professora do colégio M leciona a mais de quatorze, é bom esclarecermos que antes de iniciar a graduação esta professora lecionava algumas disciplinas do Ensino Fundamental, tendo como formação apenas o curso Pedagógico-Normal, na época ofertada pela própria escola onde hoje ela trabalha. Ao iniciar a graduação a professora passou a ensinar a disciplina História, no ensino Fundamental e no Médio. Ao longo de sua carreira trabalhou com Educação Infantil, Ensino Pedagógico-Normal, Educação de Jovens e Adultos- EJA. Assim como, todas as turmas do Ensino Fundamental e Médio.

No momento, o professor do colégio T trabalha com uma turma de 1º ano B do Ensino Médio, quatro turmas de 2º ano A, B, C e D e três turmas de 3º ano A, B e C. Já a professora do colégio M leciona em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, uma turma de 1º ano A, duas turmas de 2º ano B e C e duas turmas de 3º ano B. Em ambos os colégios as turmas são enumeradas por ordem alfabética.

Com base nos discursos dos professores entrevistados buscamos analisar qual a importância e qual imagem é atribuída ao uso didático dos filmes, em especial como estão sendo usados nas aulas de História pelos professores. É importante destacar que esta análise foi desenvolvida atrelando para os seguintes requisitos:

- ✓ A formação docente;
- ✓ O ensino de História em seu espaço escolar;
- ✓ Escolhas teóricas- metodológicas enquanto professor de História;
- ✓ Preparação técnica dos professores para o uso dos filmes;
- ✓ Relação escola e audiovisuais;
- ✓ Filmes em sala de aula: Objetivos; como usa; como avalia; pontos positivos e negativos;
- ✓ A relação aluno e recurso didático;
- ✓ Análise do professor: filme como artefato cultural;

3.2. Algumas considerações envolvendo a Formação Pedagógica dos Docentes.

Em primeiro lugar nos preocupamos em fazer um levantamento envolvendo alguns aspectos subjetivos que se referem à formação dos professores entrevistados, a fim de conhecermos o posicionamento quanto sua preparação pedagógica, um pouco de sua opinião sobre aquilo que tenha ou não sido importante para o seu desenvolvimento enquanto profissional, o que envolve a concepção de ensino de cada professor.

E ao lermos os seguintes depoimentos podemos notar que em meio a um desabafo os professores remetem claramente as principais falhas percebidas em seu processo de formação acadêmica. Naturalmente se propuseram a relatar um pouco das experiências que marcaram sua formação e que de alguma forma contribuíram para o seu “ser professor nos dias atuais”.

Iniciando com o depoimento da professora do colégio M, quando fala das marcas percebidas em sua formação acadêmica:

É importante, por exemplo, a cobrança do Professor Rubismar, né? Você enquanto profissional tem que enxugar muito. O que é que vale apenas? É você cobrar muito? Você sai da universidade com todo gás, você quer [pausa]. Tudo o que acontece lá de bom... As cobranças, as aulas diferenciadas, aulas de campo, ou aquelas aulas mais abertas. O que é bom você sempre quer pegar pra si... Mas quando chega em sala você se depara com outra realidade, são clientelas diferentes (...). Você pega as coisas boas, que é tudo diferenciada do que você não vê. E que eu acho que são válidas. Até essas coisas de você ser mais aberto com o aluno (...). Tudo têm que se adaptar a realidade.

Notemos que a professora privilegia de forma sintética o que ela pôde considerar como ponto positivo para o desenvolvimento de sua prática de ensino. O que corresponde somente à cobrança em sala, e as lembranças de aulas diferenciadas. Por outro lado, já assume uma postura defensiva quando remete a um dos aspectos frustrantes de muitos profissionais da área, a questão de querer desenvolver um trabalho em sala com base nas discussões e alguma prática daquilo que se aprende no espaço acadêmico e que tudo na realidade trata-se de uma questão de adaptação. Revelando ser desafiante para os professores das diversas disciplinas encararem sua escolha metodológica em espaços, turmas e alunos diferentes.

Interessante também notar na fala da professora que a “realidade” às vezes é frustrante, assim, como os alunos são muito diferentes. Essa questão acompanha uma espécie de senso comum nos discursos sobre a experiência docente, ou seja, de que o diferente muitas vezes atrapalha. É como se tivéssemos preparados apenas para uma turma homogênea e disciplinada. Além disso, a formação de um profissional não está restrita apenas a academia, mas a toda sua prática docente.

Para o professor do colégio T, suas marcas formativas foram justamente a falta de cobranças referentes a aulas práticas em sala o que mais lhe deixou a desejar em seu processo formativo. Ele parte do princípio, que para ser professor antes de tudo é preciso ter conhecimento de prática de ensino. Isto fica claro em seu depoimento quando afirma que as poucas experiências que teve foram vagas, sem contar com nenhuma supervisão acadêmica.

A prática de ensino só foi trabalhada no sétimo período. Hoje tem os estágios, né? O professor não fazia lá aquele acompanhamento, né? [pausa]. A formação acadêmica deixou um pouco a desejar... A questão de aulas práticas, né? Mas quando eu cursava, eu já trabalhava isso me ajudou bastante. Hoje eu tenho várias experiências que me foram oferecidas quando eu ensinava no Ensino Fundamental. Então eu já tinha uma base do que trata a questão do ensino.

Vejamos que o professor acrescenta que a preparação prática pouco cobrada não lhe pesou muito em termos de didática em sala de aula, em virtude da oportunidade que o mesmo teve ao assumir a docência enquanto cursava a graduação. Mesmo assim, mais uma vez percebemos a falha atribuída à preparação acadêmica, embora tenhamos a percepção como já foi afirmado de que a formação docente é contínua e não termina na academia. Também percebemos que a formação nos cursos de Licenciatura tem mudado consideravelmente em comparação aos currículos anteriores, embora essa mudança nem sempre seja acompanhada efetivamente na academia.

Quanto aos aspectos positivos, o professor do colégio T acrescenta em seu relato a tamanha importância do conhecimento histórico que foi visto em sua formação e que ele considera que tenha sido vantajoso para seu aprimoramento intelectual e profissional.

(...) Já as teorias são extremamente essenciais... Nos dá uma grande formação em relação ao conteúdo em si. Óbvio, tem alguns professores que são destaque. Recordo da professora Rosilene, trabalhou muito a questão das obras literárias, movimentos sociais... Também o professor Osmar em relação a própria pesquisa. (...) Apesar das falhas teve com certeza um grande enriquecimento. O professor Antônio já no último período exigiu uma aula prática em sala. Pra ele foi como um teste, né? Pra saber se a gente estava realmente capacitado para sair para a sala de aula.

No geral, os professores demonstram certa insatisfação com relação à formação acadêmica, especificamente no que se refere à preparação metodológica para assumir uma sala de aula, no entanto, percebemos o reconhecimento dessa formação, mesmo que com algumas lacunas e falhas deixadas a desejar.

Também devemos levar em consideração a época em que estes professores concluíram o Ensino Superior. A formação de ambos os professores se deu no momento em que a Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, instituição onde se formaram, ainda contava com uma antiga grade curricular. Os processos de mudanças curriculares começaram a surgir justamente quando estes professores acabavam de sair da universidade. Hoje percebermos que há uma preocupação maior em termos teórico-metodológicos, a preparação didática é pautada com mais rigor, disciplinas metodológicas são ofertadas com finalidades de formação didática, sem contar com as quatro disciplinas de Estágio Supervisionado, dando a oportunidade ao discente acadêmico, muitas vezes a primeira, de compartilhar um pouco da prática docente.

Por outro lado, e mesmo sabendo a maneira como o ensino está sendo trabalho hoje nesta instituição acadêmica, somos levados a nos questionar se realmente o “novo”, muito discutido na formação, o que inclui as orientações e possibilidades pedagógicas, também discutidas, estão de fato atingindo os espaços escolares, as salas de aulas. Ou será que na prática, no dia-a-dia escolar, os professores recém-formados não estão dando a importância devida ao que foi tão discutido na academia. O que pode significar que a ideia de aula “inovadora”, problematizadora e construtivista tenha ficado apenas nas discussões do espaço acadêmico, insistindo assim, na frase tão comum entre os formandos “na prática é tudo diferente”.

3.3. Escola e Ensino de História.

Frente a essas possibilidades e tantas limitações que já foram apontadas pelos professores, continuaremos a conhecer e ao mesmo tempo problematizar os discursos dos mesmos, agora com relação à maneira como o ensino de História está sendo pensado em seu ambiente de trabalho, o que envolve a sua percepção enquanto profissional. Como as duas escolas trabalham, junto com os professores, a disciplina História. Veremos que os professores insistem em relatar seus principais desafios já referentes ao seu dia a dia em sala de aula.

O professor do colégio T explica que na escola onde leciona o ensino de História é bem trabalhado. Isto em virtude da instalação de recursos didáticos que antes a escola não dispunha para todos os professores. Ainda, segundo o professor, esta melhoria na adaptação técnica passou a ser difundida com maior intensidade a partir do momento em que a escola passou por mudanças em seu corpo burocrático.

Há uma facilidade... Em virtude dos meios que já foram empregados na escola, né? A gente tem um laboratório totalmente estruturado com som, data show, as próprias televisões que já foram colocadas. Isso nos permite a facilidade de [pausa] poder apresentar um filme, um documentário. Não é mais necessário estar reservando o laboratório (...). Todos os professores têm aquela acessibilidade, sem falar que nós, da área de Humanas, temos o projeto *Cinema na Escola*. Um mês em quatro semanas, nas quintas-feiras é apresentado um filme.

Reconhecemos que esta escola nos surpreende com a preocupação em fazer com que o uso das novas linguagens visuais chegue às salas de aulas. Este incentivo por parte da escola é importante, na medida em que abre as possibilidades para os docentes desenvolverem suas atividades, em especial aqueles que de fato se dedicam a fazer com que a sala de aula não se limite a transmissão de conteúdo, onde a relação professor-aluno se dá por meio da passividade.

Por outro lado, devemos considerar que uma escola bem estruturada fisicamente nem sempre quer dizer que o trabalho desenvolvido e a qualidade de ensino sejam também considerados suficientemente bons. Obviamente, que além de oferecer os aparelhos técnicos, espera-se que a escola juntamente com os professores, tomem atitudes devidamente corretas para que estes aparelhos didáticos não sirvam apenas como meio de colorir as possibilidades didáticas já pré-estabelecidas na escola. As possibilidades didáticas não podem parar por aí, espera-se que haja entre os professores, incluindo os demais membros educacionais uma

busca incessante, um incentivo maior naquilo que diz fazer diferença no processo ensino-aprendizagem, a exemplo das novas linguagens como recurso didático.

Ainda é interessante notarmos que o professor fala brevemente do projeto “*Cinema na Escola*”, segundo informações obtidas com a direção da escola, este projeto foi recentemente pensado para aquela instituição com a finalidade de aproximar o público estudantil da arte cinematográfica. Detalhe, com direito a pipoca e refrigerante. Dentre os demais objetivos, está a preocupação de revelar para os discentes que o cinema representa uma arte transmissora de conhecimento, lazer e interatividade. O projeto deve ser executado ao longo das atividades letivas com todas as turmas do Ensino Médio e está dividido em três etapas, primeiro assistem às sessões de filmes, selecionadas pelos professores, em seguida desenvolverão trabalhos escritos referentes às sessões, nos quais os alunos serão avaliados, e finalizarão com visita a uma sala de cinema.

Os filmes estão sendo exibidos, até o momento da realização das entrevistas, os alunos ainda não haviam realizado alguma visita ao cinema. Ainda nos informamos que o projeto visa incentivar o senso crítico, reflexivo dos alunos. Esperamos que ideias como esta possam abranger as demais escolas públicas de Aurora-CE. E que sejam postas em prática de modo a fazer com que os alunos conheçam um pouco da diversidade didática existente nas novas linguagens audiovisuais, por sinal tão presente em seu cotidiano midiático.

Considerando estas condições físicas, acima destacadas, o professor do colégio T defende que o ensino de História na escola onde leciona está sendo bem trabalhado. Para o professor, além da estrutura física, outro aspecto que “comprova” esta percepção são as aprovações obtidas através do Enem- Exame Nacional do Ensino Médio como nos mostra o depoimento:

Pra nós termos uma noção a área de Humanas é a que tem o maior índice, né? Como resultado ao ano, quando analisado toda a escola. Então na verdade a prática em si, dentro de sala é muito diversificada. [pausa]. A gente não tá mais voltado só àquela questão tradicional, né? Então você se preocupa com questões de Enem. Final de ano a gente quer ter bons resultados no Enem. E no ano passado a área de Ciências Humanas apresentou maior índice.

Percebemos também que o professor enfatiza a relação entre ensino de História e os bons resultados do Enem como sendo um progresso alcançado na escola, mais uma tentativa de nos mostrar que ali sim, o ensino está sendo trabalhado de forma satisfatória, uma vez que é isso o que revela os dados estatísticos. Nesse sentido, uma das preocupações deste professor e da escola tem sido a questão dos dados. Se os alunos estão sendo aprovados, quer dizer que a escola está fazendo o trabalho certo. O professor ainda assume não ser totalmente

tradicional, no entanto não demonstra como desenvolve este trabalho. O “muito diversificado” pode ser tão tradicional quanto uma aula básica com poucos recursos didáticos, o que também não quer dizer que uma aula baseada no livro, giz e quadro negro seja extremamente tradicional. Obviamente vai depender muito de quem estiver aplicando.

Vejamos o que a professora afirma com relação a disciplina História:

Não por parte dos professores mais por parte do aluno não é visto com tão importância como as disciplinas mais exatas. (...). Porque as próprias avaliações externas, né? No Enem não! O Enem está cobrando agora, mas você vê que no “SPAECE” não é cobrado Ciências Humanas (...).

Interessante notarmos que mais uma vez a professora atribuiu a elementos externos, no caso os alunos e a prova *SPAECE* o fato dos alunos não se identificarem com a disciplina História. No depoimento a disciplina aparece marginalizada, o que já sabemos, no entanto, a professora não estabelece uma reflexão da sua prática como possível “causa” também desse desinteresse. Gostar mais de Ciências Exatas não quer dizer que o aluno não tenha interesse nenhum de estudar História, a maneira como esse conhecimento chega até ele pode ser o *motim* da diferença. O que também quer dizer que a não valorização do ensino de História seja fruto da falta de cobrança em avaliações externas.

Para melhores esclarecimentos o SPAECE- Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica é uma iniciativa do governo do Estado do Ceará em parceria com a Secretaria de Educação que visa analisar o desempenho dos alunos na leitura, para os alunos do 2º ano, e nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, para os alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e nas três séries do Ensino Médio, realizada anualmente nas escolas públicas municipais e estaduais do Ceará é uma avaliação censitária que permite diagnosticar o nível de aprendizagem dos alunos. Dependendo dos resultados obtidos nesta avaliação espera-se que as escolas busquem alternativas para que os problemas, quando identificados, possam ser repensados a começar pelo próprio Projeto Pedagógico da escola.

3.4. A relação Ensino de História e a Prática Pedagógica.

Partiremos para uma apresentação analítica envolvendo a percepção pedagógica dos entrevistados, o que implica eles exporem certa auto avaliação sobre sua atual prática. Aqui, nos objetivamos a buscar informações a respeito de suas escolhas teórico-metodológicas para o processo ensino-aprendizagem.

Iniciando com a interpretação do professor do colégio T, sua metodologia é básica e, claro não deixa de fazer referência que costuma diferenciar suas aulas usando outros recursos didáticos, que não o livro, a exemplo de filmes e documentários. “É a questão do livro, ao qual deve se seguir diante dos planos, uso de filmes, documentários, né? (...). O professor sempre deseja melhorar, nunca está satisfeito”. Vejamos que neste pequeno relato o professor demonstra interesse em estar buscando inovações didáticas, embora tenhamos convicção de que inovações sem problematizações, como já foi elencado, podem não surtir os efeitos desejados na aprendizagem. Naturalmente são poucos os professores que dizem ser satisfeitos com sua prática, embora muitas vezes a busca por inovações didáticas seja uma exigência da escola e não propriamente uma iniciativa do professor.

Ao questionarmos em que aspecto ele mudaria para que sua prática fosse mais satisfatória, o mesmo nos dá uma resposta concisa, o desejo de levar até a escola uma nova possibilidade de ensino-aprendizagem, algo que ele considera positivo. Em outras palavras, um novo mecanismo que possa ampliar suas possibilidades didáticas envolvendo o ensino de História.

Na minha prática [pausa]. Talvez seja um problema até mesmo das escolas públicas, né? Há uma necessidade maior de aula de campo, uma possibilidade de oferecer a esses alunos um novo conhecimento. A gente percebe uma grande diferença... uma coisa é você apresentar documentários, outra é você estar com o aluno no local onde se trata o fato histórico. Uma aula diferenciada é mais vantajosa (...).

Interessante notarmos uma marca preocupante, o professor assume uma postura positivista ao se remeter a um lugar social como prova para um determinado conteúdo histórico. Seja que recurso for não cabe ao professor interpretá-lo como sendo objeto passivo, seja filme ou documentário eles são, na verdade, uma representação e não propriamente uma prova de acontecimentos, o que é bem diferente. Esta e outras discussões que já foram levantadas no segundo capítulo serão ainda ressaltadas quando necessário. Interessante que essa mudança elencada pelo professor, no entanto, não se refere a sua postura teórica, apenas na sua questão metodológica, sabemos que uma viagem ou um filme pode ser tão tradicional quanto uma aula expositiva, se não forem problematizados como já foi elencado.

Do mesmo modo, a professora do colégio M explica suas escolhas teórico-metodológicas, já inicia frisando que desenvolve seu trabalho de maneira contínua, agindo como intermédio, como uma ponte a chegar nesse conhecimento adquirido pelos alunos.

A minha metodologia é sempre construtivista... uso uma teoria de construir com o aluno o conhecimento. Numa aula explico o que a gente vai falar em outra já faço assim: *vamos lembrar o que a gente fez*. Fazendo perguntas pra eles construírem seus próprios conhecimentos... Eles estão acostumados com a prática que eles vêm do Ensino Fundamental, de decorar... [pausa] Eu queria quebrar a questão da decoreba... (...) A avaliação é sempre contínua, né? [pausa] Mas, não é segredo pra ninguém que sempre tem avaliação escrita, né? Mesmo querendo modificar a questão da avaliação qualitativa, sempre tem aquele período de provas, né?

Interessante também que a professora, ao contrário do anterior, já apresenta uma visão mais próxima do que seria a sua escolha teórico-metodológica, apresentando a sua insatisfação com uma prática e cultura escolar cristalizada nas escolas e no ensino. No entanto, não podemos esquecer a complexidade da relação conflituosa dessa relação ensino aprendizagem, pois a mesma professora que defende e constrói um conceito para sua prática bem fundamentado, em sua fala anterior atribui a realidade o fator principal para a desmotivação e a execução de um trabalho diferenciado, atribuindo também ao aluno a responsabilidade de não gostar de História. Percebemos assim, a cristalização de um discurso que muitas vezes passa despercebido pelos professores, mas que é fundamentado por diversos dispositivos e falas.

Vejamos também que a professora continua a cristalizar um discurso comum entre os professores quando se refere ao processo avaliativo de seus alunos, o fato de que os alunos não aceitam com facilidade a proposta de ser avaliado de modo contínuo, há sempre uma grande resistência. Nas palavras da professora, a avaliação escrita acaba quebrando a proposta de trabalhar em sala de forma construtiva onde a relação aluno-professor tem a possibilidade de ser desenvolvida de forma conjunta buscando gerar uma relação de reciprocidade. Percebemos assim, que a professora desenvolve seu trabalho muito ligado às normas da escola, pode até tentar oferecer aos alunos uma possibilidade de ensino contínuo e ter noção que a avaliação também deve ser assim, contínuo, porém, esse processo irá finalizar na prova escrita, como manda a escola. No entanto, uma avaliação escrita pode ser tão eficaz e necessária quanto qualquer outra maneira avaliativa, desde que seja uma provação, um desafio para o aluno pensar. “Pensar e Repensar” são ideias certas, muito mais do que esperar que os alunos deem respostas prontas e acabadas.

Assim como no depoimento do professor, a professora do colégio M demonstra insatisfação didática. Ao questionarmos o que ela poderia fazer para que tal insatisfação pudesse ser superada, ou ao menos tentar facilitar seus hábitos metodológicos com a disciplina História, e semelhante ao professor do colégio T, ela afirma: “você nunca diz assim:

estou satisfeita (...). Então no que eu estou errando? Você tem que se aprimorar... informar, policiar. É pra isso que vem formações pra gente...”.

Percebemos a importância que há por trás do questionamento que a professora faz a si mesma com relação a sua prática em sala. Tal questionamento é indispensável, na medida em que ajuda o professor a ter um ato reflexivo sobre os principais aspectos que envolva sua prática. Além disso, a professora demonstra satisfação com o apoio, no caso as formações, oferecidas pela escola. Estas formações fazem parte de projetos extras, com finalidade formativa para os professores daquela instituição. No entanto, ela não aponta especificamente no que precisa mudar, apenas que precisa mudar. Já com relação a disciplina História ela tenta explicar o que seriam efetivamente essas mudanças, porém, sem muita argumentação.

Queria uma forma de abranger a todos os alunos o desejo de estudar História. Mesmo que traga algo diferente, tem aqueles que já são relapsos. Sei que todo aluno é mais ligado a uma disciplina, né? Mas tem aqueles que acabam desanimando a gente: *Uma coisa que passou a não sei quantos mil anos atrás.* Eu queria... Aquela vontade de participar (...).

A professora ainda demonstra insatisfação no que refere a falta de interesse dos alunos pela disciplina História, ao mesmo tempo em que levanta a hipótese de poder oferecer alguma prática que pudesse despertar este interesse, mas não expôs alguma ideia de como fazer isso.

Mais uma vez percebemos a naturalização dos discursos sobre a prática docente, pois, existe um reconhecimento dos problemas e uma possível necessidade e desejo de mudança, mas, ao mesmo tempo, também existe o discurso de que existem alunos que nunca vão mudar, aconteça o que acontecer. Como se a mudança não atingisse um grupo que nunca irá se interessar pelo conhecimento. Mas a reflexão também tem que partir do outro lado, ou seja, muitas vezes não é o aluno que tem que se interessar pela escola, mas a escola que deveria entender o que o aluno necessita.

De acordo com a autora Sandra Mara Corazza (1997, p.119) atualmente é muito comum o discurso de que toda prática pedagógica deve ser pensada com base na “realidade de nossos alunos”, primeiro o professor precisa conhecer esta realidade para assim poder planejar suas escolhas didáticas. Acontece que geralmente esses discursos acabam marginalizando demais essa realidade, onde os alunos acabam sendo colocados em um patamar de “classe oprimida”. Ainda conforme Corazza (1997) esta percepção merece ser repensada, uma vez que “não existe a realidade dos oprimidos”, ela existe porque atribuímos a ela essa finalidade negativa que por sinal tende acompanhar os discursos dos professores. Nesse sentido, não podemos, por exemplo, encarar certa deficiência de aprendizagem do aluno, ou mau

comportamento em sala como sendo justificativa para a falta de planejamento de um ensino transformador.

3.5. A Prática com os Filmes.

Passaremos a nos preocupar em analisar como os professores de Aurora-CE estão usando a linguagem cinematográfica no desenvolvimento de suas aulas de História. Como já discutimos no capítulo anterior usar filmes como recurso didático pode ser uma tarefa fácil, mas não se trata apenas de projetar o filme para os alunos assistirem e deixar que o mesmo transmita o conhecimento de forma direta para os alunos, ou imaginar que os alunos vendo aquelas imagens irão processar todas as informações ali apresentadas, de modo a não necessitar de uma explicação maior, de uma interpretação vinda do professor. Sabemos também que o uso dos filmes no ensino pode oferecer diversas possibilidades didáticas e que por isso, assim como qualquer outro recurso, seja ele audiovisual ou não, deve ser pensado a partir de todo um processo metodológico.

Pautada nesta percepção nos preocupamos em analisar se os professores entrevistados possuem ou já tiveram alguma formação/preparação didática e metodológica específica para o uso dos filmes. Concluímos que não, como vimos, os professores apontam falhas percebidas em seu processo de formação acadêmica, obviamente que eles responderam que não tiveram formação didática para o uso dos filmes e que neste sentido a formação deixou muito a desejar. O professor do colégio T nos informa que “não era focalizada a questão dos filmes, mais a questão de obras literárias”, do mesmo modo a professora do colégio M: “não tínhamos disciplinas que focassem tal prática (...). Importância didática de como usar os filmes em sala? Nós nunca tivemos não”.

Não possuem base formativa, falha que pode sim pesar no momento das escolhas metodológicas, porém, mais uma vez ressaltamos o período em que estes professores se formaram, com as mudanças curriculares da graduação, os professores passaram a contar com disciplinas metodológicas, não uma que vise de forma exclusiva o uso dos filmes, mas que oferecem aparato teórico sobre a importância da inovação didática hoje disponível e que muitas vezes o próprio professor desconhece.

Por outro lado, e como sabemos que a profissão docente deve ser encarada de forma contínua, tal deficiência não justifica dizer que o professor jamais usará um filme em sala, também não implica dizer que por causa desta ausência discursiva percebida na sua formação

acadêmica o mesmo não procure se informar tecnicamente antes de abraçar a proposta dos filmes. Uma preparação, por menor que seja, será eficiente na hora de planejar um trabalho didático com base nos filmes. Ressaltando a discussão de Napolitano (2011) para um professor usar filmes em sala de modo a propor um ensino interdisciplinar, o professor não necessariamente precisa ser um “cinéfilo”, até por que a proposta dos filmes como recurso didático não é formar “alunos cinéfilos”, sim uma nova possibilidade de despertar o senso crítico e interpretativo dos alunos.

E os professores entrevistados tentam dar certa explicação que reconhecem que sim, o professor deve buscar informações exteriores a fim de aprimorar sua prática didática. Com esta percepção a professora do colégio M assume o que faz:

Procuro vídeos do youtube. Qual a importância? (...) Como é que eu posso trabalhar? Não é só chegar e colocar. Todo mundo pode passar um filme... Você usa aquele recurso pra melhorar a sua prática? Ou pra incentivar o aluno a estudar? Sempre pesquiso textos, essas coisas na internet (...). E como você sabe a internet hoje tem de tudo, né? Às vezes você planeja alguma coisa nova e quando chega lá... Os alunos já sabem de tudo. Então eu tenho que pesquisar ainda mais, além dos livros.

Percebemos assim, que os professores buscam informação em outras fontes e lugares que os ajudem na utilização de filmes, mas percebemos também que essas informações muitas vezes são vagas, embora a internet seja um espaço que oferece inúmeras possibilidades pode ser também um espaço perigoso, no qual circulam informações e conhecimentos duvidosos. Além disso, não basta só conhecer inúmeros filmes históricos, pois, a utilização dos filmes passa por outras questões já apontadas nesse trabalho e não só a utilização de filmes históricos, mas outras produções também são importantes para se pensar o ensino de História.

Sabemos também que outros aspectos, não apenas humanos, são necessários para a proposta dos filmes no ensino, para este trabalho os professores e também os alunos necessitam de condições físicas adequadas, claro que não está dispensada a participação da escola, pelo contrário cabe também a escola a busca por novas possibilidades. Como já discutimos anteriormente, o uso dos filmes não é uma novidade recente, porém, é interessante percebermos que se trata de um recurso que acompanha as gerações, já que falamos de realidade, os alunos estão mais “anteados” com as novas tecnologias. E por isso, como nos falou Moraes (2006), a escola não pode simplesmente pensar o ensino negando uma realidade que acontece lá fora, os recursos midiáticos estão cada vez mais presentes na vida dos

estudantes, o que é papel da escola tentar acompanhar didaticamente certas inovações, trazendo para o espaço escolar aquilo que já é comum entre os jovens.

Como apresentamos no início deste capítulo, as escolas selecionadas dispõem de condições básicas suficientes para um bom trabalho com as novas linguagens em sala, especificamente para o uso de filmes. Segundo a professora do colégio M os professores recebem incentivos para o uso de novas práticas, uma vez que veem ocorrendo uma acentuada evolução técnica, equipamentos que antes não eram disponíveis a todos os professores e que hoje fazem parte da lista de recursos didáticos da escola. Um dos maiores desafios que os professores costumavam enfrentar era justamente a falta de aparelhos próprios para a exibição de filmes ou vídeos. Contavam apenas com um Data- Show acoplado a uma mesinha que circulava pela escola inteira. E hoje a professora demonstra satisfação quando fala das novas possibilidades disponíveis:

Como você está vendo, né?... temos esta lousa digital, três data-shows. A gente vai montar um armário aqui com uns vídeos que a gente achar mais importante... Um acervo... (...). A gente monta, quais são os DVDs de humanas. Vamos montar um armário aqui nesta sala (local da entrevista), que já é aperfeiçoada pra isso. O acervo é pra todas as disciplinas. No armário vai ter vídeos, filmes e documentários, quando a gente precisar já vai ter um material a mais disponível.

Do mesmo modo para o professor do colégio T quando afirma que “já está mais do que marcado por conta da existência das televisões em cada sala de aula”. Segundo o professor, a direção providenciou as televisões em virtude também da cobrança dos próprios professores, uma vez que havia certo descontrole no agendamento da sala de vídeos. Certo disso, o desejo de mudança e também alguma cobrança técnica devem partir dos professores, são eles que conhecem, melhor que a direção, quais são suas necessidades e seus interesses em sala, o que não é válido ficar esperando de “braços cruzados” as iniciativas da escola ou julgá-las de não participativa no incentivo ao ensino-aprendizagem. Obviamente que um aparelho televisivo pode parecer pouco para considerar uma escola como tecnicamente moderna, mas já demonstra certo progresso ao comparar com muitas escolas brasileiras que infelizmente continuam marcadas por condições precárias de ensino.

Apesar da disponibilidade de recursos para o trabalho dos professores, no caso as TVs, sala de vídeos e lousa digital, dentre outros, o professor do colégio T ainda demonstra certa insatisfação com relação a disciplina História:

A escola está sendo estruturada aos poucos (...). Mas fica outro lado a desejar, *há televisão? Há!* Mas há também uma necessidade de notebook para cada sala, né? Só no laboratório... Dificulta a questão da pesquisa. Nós sabemos que as bibliotecas hoje estão um pouco carentes na questão de material de História. Talvez até mesmo como processo da tecnologia, hoje tudo o que se quer busca-se na internet. As pessoas estão deixando de fazer mais aquela pesquisa prática, né?

O desejo de ampliar as possibilidades pedagógicas mais uma vez aparece quando se refere a falta de notebooks para pesquisa em sala e a insatisfação com relação a referências históricas. Percebemos que os professores possuem um desejo de mudança e percebem o que ainda deve ser feito para ficar melhor, no entanto, sabemos que mesmo com um material tecnológico avançado se não existir a formação e o domínio do mesmo as aulas podem continuar com a mesma perspectiva tradicional. Interessante que as duas escolas selecionadas dispõem praticamente dos mesmos equipamentos, com exceção das televisões, porém, há nas escolas uma espécie de ajudante, sempre que um professor deseja usar os equipamentos alguém vai lá e facilita a montagem, é como se os professores não soubessem manusear os equipamentos.

Então, não estamos querendo dizer que as escolas de Aurora-CE são perfeitas em termos de qualidade técnica, as limitações podem ser inevitáveis, o que também nos leva a pensarmos outra problemática: como as escolas públicas brasileiras podem oferecer boas condições de ensino a professores e alunos se muitas vezes elas não contam com investimentos financeiros o suficiente para isso. Este também não deixa de ser um discurso a se repetir nas escolas e geralmente a falta de recursos são colocados à frente dos problemas enfrentados por muitas.

3.6. A Análise Didática dos Filmes.

Como analisar um filme é um assunto que desperta curiosidade e atenção entre os estudiosos da área pedagógica, talvez corresponda o momento mais delicado que o professor de História tende a enfrentar com esta prática. “Ao professor cabe fazer uma “análise crítica”, ele deve dar o direcionamento, sendo totalmente capaz de ensinar a “análise crítica” a seus alunos [...]”. (ALVES, 2001, p. 82). É também o momento em que o professor ensina o aluno a fazer uma viagem no mundo da interpretação, tudo isso para que o “aprender e o ensinar” sejam mais críticos e agradáveis através dos filmes.

No decorrer dos depoimentos, os professores demonstram com clareza que ao fazerem uso de um determinado filme usam mais especificamente como um auxílio didático ao conteúdo. Na maioria das vezes esse auxílio corresponde a uma maneira de direcionar o conteúdo, no sentido de iniciar uma nova discussão, ou também para complementar uma discussão, inclusive este foi um dos objetivos mais indicados pelos professores. A professora do colégio M aponta que sua preocupação é basicamente usar o filme com o objetivo de complementar o conteúdo:

Pra eles entenderem o filme, precisam primeiro ter uma base do conteúdo, não adianta passar um filme, sem eles saberem nada do conteúdo. Sei que é falta de ética, mas muitos professores passam filmes só para passar a aula. Mas o filme tem sua importância. Teoricamente utilizo o filme como um recurso a mais para embasar. Uso como apoio pro meu livro didático. Explico o conteúdo depois passo o filme pra eles melhorarem a compreensão (...). Sempre que vou preparar minhas aulas já vejo alguma coisa diferenciada. Depois que eu terminar aquela matéria o que eu vou passar? Será um documentário para fixar? Um filme?

Este posicionamento, embora radical, de complementação ao conteúdo é uma possibilidade viável, na medida em que ajuda o aluno a desenvolver possíveis relações entre o que ele ouve em sala e o que ele vê nas imagens apresentadas nos filmes, porém, não se pode generalizar essa percepção achando que todos os alunos, mesmo havendo antes uma discussão envolvendo o conteúdo, conseguirão fazer desta maneira.

Essa proposta da exibição após uma problematização do conteúdo não é um procedimento errado, porém não é aconselhável. De acordo com Napolitano (2011) seria muito mais crítico e interessante se a problematização do conteúdo iniciasse após a exibição do filme, ou seja, elencar o conteúdo a partir da análise crítica do filme.

“Faço assim: *olhem estão vendo? É aquilo que a gente estudou!* Eu paro naquilo importante que foi discutido em sala e falo: *isso aqui é aquilo que a gente discutiu! Vocês estão lembrados?*” Esta fala da professora do colégio M nos faz lembrar um aspecto que já discutimos anteriormente. E já sabemos também que fazer recortes ou pausas nas cenas que julgar interessantes também é uma possibilidade aconselhável, desde que corresponda aos objetivos esperados para aquela aula, porém, deve ser pensado com mais cuidado, recortes de cenas muito longas podem quebrar a linha de interpretação do aluno fazendo com que “a atividade seja alienada ou fragmentada”. (NAPOLITANO, 2011, p.82).

Também é importante percebermos que ao falar da estratégia de pausas durante a exibição, a professora acaba usando o filme como ilustração do conteúdo, evidentemente que

existem produções filmicas baseadas em temas históricos, porém, não é esse o seu principal compromisso, a produção e o lugar a que ele pertence atende outras demandas, que não exclusivamente a didática.

Nesse sentido, “o ilustrar por ilustrar” pode ser perigoso, um filme pode muito bem desfazer o entendimento sobre determinado tema, ou seja, pode acontecer de dos filmes apresentarem claramente esta intenção, a de criar outra ideia sobre aquele fato. Nesse sentido, seria interessante problematizar com os alunos o que possivelmente teria contribuído para que o filme fosse produzido daquela forma, não agir como se ali estivesse uma fonte objetiva que independe de investigações externas.

Do mesmo modo, o professor do colégio T ao falar da importância dos filmes para o ensino de História, exemplifica sua didática criando ideias de legitimação:

Quando você estuda a reforma protestante e assiste o filme *Lutero*, né? Ele favorece ao entendimento... Por quê? Por que lá é apresentado pela própria figura de Lutero, né? [pausa] Representado no filme todos aqueles pontos de sua tese, tudo aquilo que ele vem a contestar. Facilita a compreensão, facilita a aprendizagem dos alunos... É algo que ele está vendo, né? E assim ele vai associando o conteúdo ao filme, e com recurso de imagens é melhor, né? Ele tem um recurso de imagens, de cenas do filme, que faz lembrar aquele conteúdo histórico.

Notemos que o professor faz referência ao personagem principal do filme *Lutero* [TILL, Eric. Alemanha/EUA: NFP teleart / Eikon Film / Thrivent Financial for Lutherans, 2003, 112min.] de modo a dar aos alunos a impressão de que o filme representa uma “prova da realidade”. Mais uma vez percebemos que os professores possuem discursos comuns de que os filmes dizem tudo sobre o conteúdo histórico, como sabemos não é exatamente assim, como já discutimos um filme muitas vezes diz mais sobre a época em que vive a pessoa que o produziu, do que mesmo sobre a temática que o filme aborda. Além disso, o filme foi produzido para fins lucrativos, apresenta ficção e não somente relatos “reais”.

Continuando nosso questionamento buscamos entender outros motivos que levam os professores a usarem os filmes nas aulas de História. Com os depoimentos pudemos perceber algumas divergências e semelhanças com relação à resistência e aceitação dos filmes em sala por parte dos alunos.

A professora do colégio M diz gostar de passar filmes, pois logo percebe que a maioria dos alunos demonstra interesse, mas retoma a ideia de que sempre haverá alunos que só atrapalham. “É um pouco complicado, algo que prenda a atenção dos alunos, muitos dizem: *Se fosse um filme de comédia...* Eles não têm noção que aquilo é base do conteúdo. Eles

querem algo que eles são acostumados a assistir em casa, né?” A professora demonstra falta de paciência com os alunos, o não gostar de assistir filmes pode estar relacionado a um gosto pessoal, ou ainda por naturalmente sentirem dificuldade de assimilação entre filme e conteúdo, é como se alunos não depositassem confiança na possibilidade de aprendizagem através dos filmes, mas a resistência pode muito bem estar relacionada à maneira como o mesmo está sendo problematizado.

Por outro lado, percebemos que o professor do colégio T consegue criar certa relação de cumplicidade com seus alunos, “quando trabalho um conteúdo e não tem um filme, eles já perguntam: *tem um filme não? Pra a gente assistir.* (...). Eles pedem, eu percebo que eles gostam dos filmes”. Se há uma aceitação maior por parte dos alunos, logo pensamos que o professor aproxima sua metodologia as propostas didaticamente “corretas” para o uso dos filmes.

Nesse sentido, recordamo-nos mais uma vez do discurso de Napolitano (2011) quando explica que é importante o professor procurar conhecer a cultura fílmica de seus alunos, se estes possuem um hábito maior de assistir filmes, mesmo sendo aqueles de sua preferência, seja para o lazer ou diversão, poderá contribuir para que ele também desenvolva certo senso interpretativo dos filmes que serão exibidos em sala. Percebendo tal cultura nos alunos, o professor não pode abrir mão de fazer dos filmes uma possibilidade para o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas dos alunos.

O filme *Tempos Modernos* [CHAPLIN, Charles. EUA: United Artists / Charles Chaplin / Productions, 1936, 87min.], é um filme bastante acessível, particularmente passo ele no Ensino Fundamental e nas turmas de segundo ano do Ensino Médio (...). Quando eu passo no Fundamental eles só fazem rir, levam o filme só mesmo como uma comédia a maioria não tira a essência do filme e no Médio eu noto que eles já possuem uma noção maior.

Podemos perceber neste relato da professora do colégio M, que a faixa etária dos alunos não é levada em consideração, parece que a professora repete seu processo metodológico em turmas diferentes. Naturalmente que os alunos do Ensino Fundamental terão uma visão interpretativa diferente de alunos que estão praticamente aptos a ingressar no Ensino Superior, pelo menos é o que se espera. Muitas vezes, nos alunos a capacidade analítica de um filme está relacionada ao seu nível escolar, por isso que a professora reconhece que os alunos do Ensino Médio mesmo já tendo assistido ao filme nas séries anteriores conseguem desenvolver uma visão reflexiva. E como vimos em Napolitano (2011)

isto não quer dizer que o professor não possa usar filmes até mesmo nas séries iniciais, desde que sejam filmes selecionados de acordo com a idade dos alunos.

Já sabemos da existência de uma diversidade de gêneros filmicos disponíveis no mercado, quando bem trabalhados podem oferecer possibilidades didáticas inimagináveis. Certos desta diversidade, os professores explicam sua preferência por filmes documentários, dando uma justificativa para tal escolha. No entanto, os professores não mudam a percepção de que os filmes são só mais uma maneira de reforçar o conteúdo, como nos mostra claramente o professor do colégio T:

Prefiro filmes históricos a que vem tratar realmente ao pé da letra, não de forma de ficção aos conteúdos, óbvio que muitas vezes por falta de oferta no mercado você acaba optando por algum filme que apresenta um pouco de ficção. Mas eu busco o que está mais próximo do conteúdo e que venha representar a parte histórica para a compreensão dos alunos [pausa] o melhor para se trabalhar é documentário. Mas há uma preferência por parte dos alunos... E talvez por não tanto dinâmico. Tem um documentário que vem tratar os movimentos sociais do semiárido e apresenta bem a figura do Caldeirão, né? E você percebe que são historiadores, sociólogos, são pessoas que vivenciaram e estão ali apresentando seu depoimento. É como se fosse uma prova mais real. [pausa] já os alunos acham coisa mais parada, sem interação de cenas, aquela ação, né? Algo que chama mais atenção.

Mais um posicionamento radical, tudo isso é utilizar o filme sem levar em consideração que se trata de um produto estético que deve ser analisado com um olhar crítico e subjetivo, o filme não mostra o conteúdo “ao pé da letra”, muito pelo contrário, consiste numa interpretação sobre aquele conteúdo. O professor afirma que os documentários são importantes, porque correspondem a um trabalho realizado geralmente através de depoimentos de pessoas que entendem muito bem o assunto ou porque de alguma forma possuem alguma relação com a temática que aborda o documentário.

Certo, de fato até muitos autores afirmam que os filmes documentários podem até demonstrar uma discussão mais confiante e aprofundada sobre determinada abordagem, porém, não está descartada a possibilidade de que eles não estejam repletos de subjetividades, como qualquer outro gênero filmico, este apresenta ficção, “verdades e inverdades”. Nesse sentido, o senso crítico deve ser dobrado a fim de evitar que aconteça o que Napolitano (2011) nomeia de “super-valorização”, o mesmo que permitir que o aluno veja naquelas imagens uma “versão final” sobre o conteúdo. E como vimos esta percepção não é raro acontecer uma vez que os filmes mexem com o imaginário de quem assiste, as imagens podem seduzir e levar os alunos a terem interpretações meramente enganosas.

Do mesmo modo, a professora do colégio M prefere usar documentários, nos revelando outra situação crítica, a falta de tempo. “Geralmente eu gosto de passar documentários, porque são de quarenta, cinquenta minutos e dá para passar em uma aula (...). Há uma aprendizagem maior quando eu passo um documentário”.

Justificar-se pela falta de tempo ainda consiste em um dos discursos prevalecentes nas vozes dos professores, onde o planejamento para uma aula mais interessante e transformadora acaba sendo deixado de lado. Contudo, é importante não nos esquecermos de que os professores entrevistados, assim como uma grande parcela dos professores da rede pública de ensino possuem uma carga horária excessiva, sendo que para a disciplina História restam apenas duas aulas semanais.

Ainda insistimos em saber quais os principais métodos avaliativos usados pelos professores quando partem para o uso dos filmes. Surpreendentemente as repostas foram rápidas e semelhantes, nos informaram que possuem o hábito de cobrar alguma atividade com questões escritas, como nos fala a professora do colégio M “peço pra eles prestarem atenção, fazer anotações. Ai eu cobro em sala. Peço pra eles fazerem um resumo, elaboro algumas questões e cobro em alguma atividade ou na prova”.

Chamar a atenção dos alunos é um bom começo para uma aula interessante e investigativa. Também não queremos negar o valor da produção escrita, pois é um dos momentos em que o aluno recria em sua imaginação cenas que lhes causaram interesse, emoção, dentre outros sentimentos. Contudo os métodos avaliativos com os filmes em sala não deveriam se limitar a estas propostas, aqui apresentada pela professora, uma vez que as possibilidades para este viés podem abranger outras dimensões. Deveria ser um momento mais prazeroso para os alunos, onde o educador assume o papel de orientador da discussão, estimulando o aluno expor seu pensamento crítico para o filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nosso objetivo maior foi discutirmos a importância da presença de filmes como material didático nas aulas de História. Escolhemos os filmes porque acreditamos que este recurso é mais um caminho viável para se realizar uma discussão histórica em sala de aula.

Concluimos que os filmes devem ser explorados pelo professor como recurso didático, pois na medida em que muitos abordam uma interpretação de temáticas históricas, naturalmente podem ser considerados como fonte de pesquisa para a disciplina História.

Salientamos também que os filmes são sempre ficção, seja filme histórico, documentário, enfim, não possuem compromisso com os reais acontecimentos, não consolidam uma verdade. E sendo um produto cultural, não é aconselhável que o professor se aproprie deste recurso usando o “velho erro” de mera ilustração, pois fazendo assim estará contribuindo para tornar a aula de História tão tradicional quanto sem a presença de material didático em sala.

Com base nos livros e trabalhos lidos, ampliamos a análise de que a presença da linguagem cinematográfica nos espaços escolares já não é uma grande novidade. Por uma questão de adaptação à realidade tecnológica que envolve os alunos, cada vez mais professores juntamente com os membros que formam a escola sentem a necessidade de ampliação de possibilidades didáticas. E ao contar com uma clientela diversificada, é papel da escola esta busca incessante de inovação pedagógica.

Neste sentido, reafirmamos a percepção de que a importância do recurso fílmico está no fazer a disciplina História uma viagem prazerosa e atraente para os alunos. Ajudando o aluno a superar a capacidade de interpretação não apenas à base de leituras de textos, mas também, através da análise de imagens em movimento, algo mais próximo ao cotidiano do aluno.

Sentindo a necessidade de complementação a esta pesquisa, analisamos o discurso de dois professores de História do Ensino Médio de Aurora- Ceará, buscando compreender um pouco de suas práticas com os filmes em sala de aula. Para iniciarmos este processo investigativo levamos em consideração a formação docente de cada professor, o espaço escolar onde trabalham e principalmente sua prática com os filmes, dentre outras finalidades. Por meio das entrevistas nos informamos que em Aurora- CE, nas escolas trabalhadas, o uso de filmes é uma prática recorrente pelos professores de História.

Contudo, analisando os discursos dos professores pudemos perceber que quando se trata da análise didática do filme, este acaba sendo usado como objeto de comprovação do conteúdo histórico. Isso, sem levar em consideração que um filme por si só não representa um recurso didático, sim um produto cultural pensado para atingir um público específico.

Nestas condições, é importante ressaltar que não basta passar filmes para os alunos assistirem, cabe ao professor enquanto mediador auxiliar os alunos a desenvolverem sua própria consciência crítica diante do filme, levar em consideração que o conteúdo não está diretamente exposto no filme. O filme é, na verdade uma alternativa para chegar à compreensão desse conteúdo.

Concluimos ainda, que o uso de filmes nas aulas de História, especificamente filmes documentários é recorrente nas duas unidades de ensino. Porém, essa certa ausência analítica aumenta a concepção de que a finalidade da prática com os filmes continua sendo a ilustrativa. Embora, em alguns momentos da entrevista os professores tenham explicado que o filme é importante, na medida em que ajuda a complementar o conteúdo, deixam entendido que os filmes contribuem para aproximar o aluno da verdade dos acontecimentos.

Entretanto, também tivemos momentos em que os professores ao descreverem seu processo metodológico com os filmes, se preocupam em estabelecer diálogos entre o conteúdo didático e o conteúdo que o mesmo aborda, promovendo ainda, questões específicas e resumos envolvendo o filme. Práticas, que de certa forma, valorizam a função didática de apreciação de um filme. Mas sem orientação de que os filmes estão sujeitos a um processo de mutações ideológicas da pessoa que o produziu, ou seja, sem buscar reconhecer os valores ocultos que naturalmente se fazem presentes em um determinado filme.

Como já afirmamos, o uso de filmes pelos professores entrevistados é recorrente. As duas escolas selecionadas disponibilizam estrutura básica para o desenvolvimento de atividades com filmes. Sala especial de vídeos, TVs e DVDs e lousa digital fazem parte da lista de aparelhos à disposição de todos os professores. E nos depoimentos, os professores de História demonstram satisfação com o que a escola lhes oferece para a realização de suas atividades.

Mesmo assim, esperamos que os professores insistam em novas cobranças, não somente estrutura física, como também alguma preparação pedagógica para o uso específico de recursos audiovisuais para o ensino. Contribuindo assim, para que os professores não desistam de superar a prática de ensino nomeada de pedagogia tradicional.

A formação docente também se faz justa e necessária para que a linguagem cinematográfica seja usada no ensino de História, de modo a fazer com que o aluno amplie

suas capacidades críticas e reflexivas diante de um objeto que de fato diz muito sobre o tema histórico que aborda, diz mais ainda sobre a sociedade, a pessoa que o produziu.

Por fim, queremos considerar que as discussões aqui levantadas não estão devidamente acabadas, como toda pesquisa científica, esta pode nos levar a outras temáticas importantes para a historiografia. Com esta pesquisa estamos contribuindo para as discussões que dizem respeito ao ensino de História e o uso de filmes em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma didática da história:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo: História, 2003.

ALBERTI, Verena. **Ensaio bibliográfico:** obras coletivas de história oral. Rio de Janeiro: Revista do Depto de História da UFF, 1997. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/producao_intelectual.org/415pds

ALVES, Maria Adélia. **Filmes na Escola:** Uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeos, cinema e programas de TV) nas aulas de Sociologia do Ensino Médio. Dissertação apresentada a Universidade Estadual de Campinas. UEC, 2001.

ALEM, Nathalia Helena. **Os parâmetros curriculares nacionais para o ensino de história em debate.** Bahia/Eunápolis: UFS, s/d. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congresso/cbhes/pds/680>

AQUINO, Edineide Dias de. **Cinema em foco:** uma abordagem cinematográfica/historiográfica no ensino de história. Historiadora: UEPB, s/d. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais-Xiii-eeph/textos/STOS.com>

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Brasil em tempo de cinema:** ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BELEI, Renata Aparecida et al. Orgs. **O uso de entrevistas, observação e videogravação em pesquisa qualitativa.** Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, 2008, pp. 187-199. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article>

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **O ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, Eduardo. Artigo: **Cinema e história:** o encontro de dois mundos. História, (s/d). Disponível em <http://files.eduardoborgheshistoriador.com>

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPELO, Taís. **Jonathas Serrano, narrativas sobre cinema.** Caderno de ciências humanas – Especiarias, 2007, pp. 57-76. Disponível em <http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/tais-campelo>

CATELLI, Rosana Elisa. **Cinema educativo, 1920-1930:** a educação das massas e a educação do cinema nacional. Bahia: Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, s/d.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Filmes na sala de aula:** recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação? Revista do Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2009. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117112620013>

COSTA, Flávia Cesarino da. Primeiro cinema: origens. In: MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. São Paulo: Papirus, 2006, pp. 17-52.

COSTA, Grace Campos. **História e Audiovisual no Brasil do século XXI:** Possibilidade para o cinema brasileiro contemporâneo. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Universidade Federal da Uberlândia – UFU, Janeiro/Fevereiro/ Março/Abril de 2012. Disponível em www.revistafenix.pro.br

COSTA, Antônio. **Compreender o Cinema**. São Paulo: Globo, 2003.

CORAZZA, Sandra Maria. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MORREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org). **Currículo:** questões atuais. São Paulo: Papirus, 1997, pp. 03-143.

FELIPE, Delton Aparecido. **Narrativas para a alteridade:** O cinema na formação de professores e professoras para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Dissertação apresentada a Universidade Estadual de Maringá: UEM, 2009.

FERNANDES, Sandro Luís. **Filmes em sala de aula _ Realidade e Ficção:** Uma análise do uso do cinema pelos professores de história. Dissertação apresentada a Universidade Federal do Paraná - UFP, 2007.

FERREIRA, Eurico Costa. **O uso dos audiovisuais como recurso didático** (sic). Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto – U.PORTO, 2010.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FILENO, Érico Fernandes. **O professor como autor de material para um ambiente virtual de aprendizagem**. Dissertação apresentada a Universidade Federal do Paraná - UFP, 2007.

FREIRE, Larissa Almeida; CARIBÉ, Ana Luiza (Orgs). **O filme em sala de aula:** como usar. Revista Eletrônica *O olha da história*, 2004. Disponível em: <http://www.pibidhistoria.pr.anpuh.org/anais/2013/2>

FREITAS, Ênio Tadeu de. **História e Cinema:** Encontro de conhecimento em sala de aula. Dissertação apresentada a Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar história**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

JUNIOR, Roberto Catelli. **Temas e linguagens da história:** Ferramentas para a sala de aula no ensino médio. São Paulo: Scipione, 2009.

KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010.

LEVY, Pierre. Cibercultura. In: MARQUES, Antônio Carlos Conceição. **As tecnologias no ensino de história: uma questão de formação de professores**, 2008.

_____. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papirus, 2003.

MARQUES, Antônio Carlos Conceição. **As tecnologias no ensino de história: uma questão de formação de professores**, 2008. Disponível em: <http://www.diadiaeducação.pr.gov.br/portals/pde/arquivos.com>

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

MORAIS, Paulo Alexandre Batista. **A disciplina de educação visual e tecnologia face às tecnologias na escola: Dinâmicas e contextos da utilização das TIC**. Tese apresentada a Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2006.

MATTA, João Paulo Rodrigues. **Análise competitiva da indústria cinematográfica brasileira no mercado interno de salas de exibição, de 1994 a 2003**. Dissertação apresentada a Universidade Federal da Bahia, UFB, 2004.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski (Orgs). **História oral como fonte: problemas e métodos**. Rio Grande: Historiae, 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/download.com>

MALAFAIA, Wolney Vianna. **Imagens do Brasil: O cinema novo e as metamorfoses da identidade nacional**. Tese apresentada a Fundação Getúlio Vargas – FGV: Rio de Janeiro, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Cinema e Ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula**. Fênix – Revista de Histórias e Estudos Culturais. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Abril/ Maio/Junho de 2008. Disponível em www.revistafenix.pro.br

NETO, Henrique José Vieira. **Brasil em Tempo de Cinema: Ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Julho Agosto e Setembro de 2007. Disponível em www.revistafenix.pro.br

PARRA, Nélío. **Metodologia dos Recursos Audiovisuais**. São Paulo: Saraiva, 1973.

PAIVA, Cardoso de. (org). **Mídias e Culturalidades: análise de produtos, fazeres e interações**. João Pessoa: Universitária, 2007.

PEREIRA, Ladenilson José, **Cinema no Ensino de História: as chanchadas e os anos 1950**. São Paulo: PPGE-Uninove, 2006.

PINHEIRO, Alexandre Coelho. **O ensino da história e o cinema hollywoodiano**. Vitória da Conquista-BA: ANPUH-BA, 2008. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/anais.com>

PLANQUE, Bernand. **Técnicas audiovisuais de ensino: um guia prático para os professores e os educadores**. São Paulo: Loyola, 1974.

ROSENFELD, Anatol. Cinema: Arte & Indústria. In: **Análise Competitiva da Indústria Cinematográfica Brasileira no Mercado Interno de Sales de Exibição, de 1994 a 2003**. MATTÁ, João Paulo Rodrigues. Salvador: UFB, 2004.

SALAES, Monique Pessanha; PIMENTA, Jussara Santos (Orgs). **O uso pedagógico das novas tecnologias na educação**. FAETEC, 2008. <http://www.professorandersonjosebender.blogspot.com/artigos>

SERRANO, Jonathas. VENÂNCIO FILHO, Francisco. Cinema e educação. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

SOKOLOWICZ, Luciene; FERREIRA, Alexandre Ricardo (Orgs). **A história contada no cinema**. Guarapuava: Unicentro, 2009. Disponível em: <http://www.diadianaeducação.pr.gov.br/portals/cadernospde/historia.com>

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Lendo imagens criticamente. In: FERNANDES, Sandro Luís. **Filmes em sala de aula _ Realidade e Ficção: Uma análise do uso do cinema pelos professores de história**. Paraná - UFP, 2007.

SITES:

http://www.anpuh.org/anais_xiii_eiph/textos/STOS.com

<http://www.casacinepoa.com.br>

<http://www.cinemateca.org.br>

ANEXO 01- Roteiro das Entrevistas

- Em sua opinião quais foram as experiências marcantes em sua formação acadêmica que lhe ajudou na sua prática enquanto docente?
- Em seu espaço escolar como você percebe o Ensino de História?
- Poderia definir suas escolhas teórico-metodológicas enquanto professor de História? Qual avaliação você faz sobre a sua prática pedagógica? Está satisfeito? O que mudaria?
- Durante sua formação acadêmica houve alguma preparação teórico-metodológica que focasse o uso dos filmes nas aulas de História? Ou para os audiovisuais em geral?
- E de modo particular já procurou se informar melhor, fazer algum curso de preparação ao uso dos filmes?
- O espaço escolar oferece incentivos, na busca de inserir novos recursos didáticos em sala de aula, como as novas tecnologias, os audiovisuais? Desenvolve algum tipo de projeto que visa tal finalidade?
- E quanto ao Ensino de História o espaço escolar disponibiliza estrutura física para que você desenvolva as atividades com filmes em suas aulas de História?
- Agora de modo específico qual a sua opinião quanto a importância dos filmes no ensino de História?
- Em que fase do Ensino Médio você costuma trabalhar mais com os filmes em sala? Nota alguma resistência, eles gostam das aulas com base nos filmes? E você considera vantajosa esta prática com os filmes?
- Com que frequência costuma usar os filmes nas aulas de História? Dentre a diversidade de gêneros fílmicos disponível no mercado qual a sua preferência para as aulas de História?
- Entre filme histórico e documentário em sua opinião qual o melhor para trabalhar um conteúdo histórico? Por quê? Há diferenças entre ambos os gêneros em sala de aula?
- Poderia definir passo a passo suas escolhas metodológicas quando decide utilizar um determinado filme em sala?
- Finalizando, como você avalia seus alunos a partir da exibição do filme? A aprendizagem do aluno?
- Já usou um filme associado a outro recurso didático? Como você desenvolve tal prática?

